

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Julia Meira Pianta

**SER MULHER REGENTE EM PORTO ALEGRE:  
DECOLONIALIDADE E TRANSGRESSÃO EM PRÁTICAS PERCUSSIVAS**

Porto Alegre

2021

Julia Meira Pianta

**SER MULHER REGENTE EM PORTO ALEGRE:  
DECOLONIALIDADE E TRANSGRESSÃO EM PRÁTICAS PERCUSSIVAS**

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Prass

Porto Alegre

2021

## CIP - Catalogação na Publicação

Pianta, Julia Meira  
SER MULHER REGENTE EM PORTO ALEGRE: DECOLONIALIDADE  
E TRANSGRESSÃO EM PRÁTICAS PERCUSSIVAS / Julia Meira  
Pianta. -- 2021.  
70 f.  
Orientadora: Luciana Prass.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto  
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Regência. 2. Percussão. 3. Mulheres na música.  
4. Gênero. 5. Música Popular. I. Prass, Luciana,  
orient. II. Título.

Para minhas avós, que vieram antes de mim e abriram caminhos:

Vó Bisa, dona do maior amor do mundo,  
contadora das melhores histórias para criança dormir,  
que me ensinou que alegria e bom humor são o remédio para tudo;

Vó Norma, sempre um porto seguro,  
com uma escuta atenta, cheia de afeto,  
que me ensinou que sempre podemos nos tornar pessoas melhores;

Vó Lourdes, toda força que possa existir,  
maior distribuidora de presentes do mundo, minha maior saudade,  
que me ensinou sobre a beleza das pequenas coisas da vida.

Amo vocês. Obrigada por tanto!

## AGRADECIMENTOS

Obrigada, mãe, por sempre ser meu maior apoio e meu maior exemplo. Teu amor e tua força conseguem me fazer seguir em frente. Tu sempre é incansável quando o assunto é me ver feliz, desde as massagens diárias durante o TCC para que eu não tivesse dor, até a companhia paciente e parceira durante essa quarentena. Eu te admiro muito!

Obrigada, pai, pelo carinho e amor de todos os dias a vida inteira. Aprendi contigo que tenho que cuidar de mim para conseguir cuidar de quem eu amo, e isso nunca fez tanto sentido quanto nesses últimos meses. O maior parceiro para as comilanças, dono da melhor massa com molho branco do mundo! Tem muito de ti aqui nesse trabalho.

Raquel e Ceci, minhas manas favoritas, dos amores incondicionais da vida. Obrigada, mana mais velha, por ser minha influenciadora musical desde pequena, por me apresentar todas as tuas bandas favoritas, por ser minha dupla de música e da vida desde sempre. Obrigada, mana mais nova, por deixar tudo sempre mais bonito, mais colorido e mais feliz. Tu é nosso maior presente!

Sou quem sou hoje porque cresci com as duas melhores famílias do mundo, grandes, cheias de amor, de presença e de muitas risadas. A maior falta dessa quarentena é vocês. Obrigada por tudo sempre e por se fazerem presentes de qualquer maneira. Eu amo vocês!

Yaskara, minha parceira da vida, isso aqui com certeza não estaria acontecendo dessa forma se não fosse tua presença. Teu jeito especial e teu colo são donos desse TCC também. Te agradeço sempre por me ensinar a ser cada dia mais eu e me fortalecer. Minha maior incentivadora de tudo, que tá sempre pronta pra ouvir e ajudar. Tu é só amor.

Meus agradecimentos mais sinceros vão para as professoras que tive durante a faculdade de música aqui da UFRGS, que me acompanharam do primeiro ao último segundo da graduação, cada uma de uma maneira. Sou só admiração por todas vocês:

Profa. Lu Prass, minha orientadora rainha! Que sorte que tive de escolher tua Prática Coletiva, lá no primeiro semestre da faculdade, e ter me aproximado de ti. Foi tu que me incentivou tocar percussão em público pela primeira vez, que me proporcionou tocar samba na bateria e que me ensinou a história da nossa Música Popular Brasileira. Fazer esse TCC durante uma pandemia só foi possível com teu carinho, apoio, segurança e presença sempre – mesmo nos dias mais malucos e com as rotinas mais cheias. Obrigada, obrigada e obrigada!

Profa. Marília Stein, que me convidou para ser sua bolsista e me apresentou um mundo todinho novo. Me ensinou a fazer pesquisa, me ensinou sobre os cuidados e o respeito dentro dela. Me incentivou a pensar sobre o que eu gostaria de saber mais, o que me tocava, e foi assim que surgiu esse projeto aqui. Te agradeço muito pelo carinho sempre, pelas reuniões divertidas

e com tanto aprendizado e pela parceria.

Profa. Isabel Nogueira, incansável na escuta e na atenção. Não tenho dúvidas que as cadeiras que fiz contigo mudaram minha vida. Nossas conversas, as reflexões, os textos que tu me mostrou, as mulheres que tu me apresentou. Tudo isso me acompanha sempre. De uma forma ou de outra, tu me orientou para essa pesquisa junto com a Lu e com a Marília.

Profa. Ana Fridman, nossa alegria da faculdade e professora das aulas mais esperadas. Que prazer que foi conviver contigo, com a tua música e com a tua felicidade. Me fez perder o medo do improviso e olhar para a música de forma diferente. Foi durante as tuas aulas que eu descobri o tipo de educadora que quero ser.

Profa. Caroline Abreu, sempre paciente e pronta para ouvir o que a gente tinha a dizer. Tua empatia e teu carinho me libertaram para cantar e me fizeram sentir acolhida. Te agradeço, em especial, pela cadeira que tivemos nesse último semestre – online, em pandemia – que foi um momento importante de afeto, de matar a saudade e de incentivo para seguirmos firmes.

Minhas amigas da faculdade: conhecer vocês e ver a gente crescendo juntas – como artistas e como pessoas – nesses últimos 4 anos, foi um dos processos mais lindos que já vivi. Admiro cada uma de vocês, com todas as potências que vocês têm. Obrigada por todos os incentivos e toda a parceria. Que a gente siga se acompanhando sempre!

Agradeço a universidade pública e gratuita, querida UFRGS, por todos esses anos ali dentro, aprendendo e convivendo com pessoas diferentes. Em tempos tão difíceis para a educação e para as universidades no Brasil, dedico meu trabalho também para essas instituições, essenciais para as mudanças mais importantes dentro da sociedade. Viva a UFRGS e a música popular!

As Batucas, que são minha segunda família: obrigada por todas as energias, a parceria, a presença, o apoio e o carinho de sempre. Conhecer e caminhar ao lado de cada uma de vocês me faz mais forte e mais viva.

Por fim, agradeço imensamente as três regentes que toparam fazer parte dessa pesquisa: Alexandra Amaral, Lívia Tabert e Biba Meira (minha mãe). Sempre muito disponíveis, com muito carinho e me ajudando em tudo. Conhecer um pouco mais de cada uma de vocês me transformou. Todo o mundo deveria conhecer o trabalho que vocês fazem e eu espero colaborar com isso. Obrigada, de verdade. Esse trabalho não aconteceria sem vocês!

*Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra*

*“Canção para ninar gente grande”  
Samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira, 2019*

## **RESUMO**

Este projeto de pesquisa tem como foco o estudo da prática musical de três regentes mulheres, de grupos percussivos, em Porto Alegre, RS. A partir de experiências como baterista, percussionista e regente, trago o questionamento diário – não só na profissão, mas também nas disciplinas dentro do curso de Bacharelado em Música - dos desafios enfrentados pelas mulheres quanto aos lugares, comportamentos e papéis esperados, negociados e (in)visibilizados: seja dentro dos livros didáticos, em cima dos palcos ou nas pesquisas acadêmicas. A partir dessas experiências e desafios, surgiu este projeto de pesquisa, que teve como objetivo geral analisar a prática de regência de três mulheres que estão à frente de grupos de percussão de Porto Alegre, suas próprias percepções sobre suas atuações profissionais enquanto mulheres musicistas e a relevância do trabalho que realizam. A investigação foi realizada a partir de um estudo de caso de inspiração etnográfica, através de entrevistas com as mulheres pesquisadas. Além da pesquisa de campo, foi feita, também, uma breve revisão de literatura sobre mulheres regentes e música percussiva, estudos feministas e decoloniais, em busca de compreender o estado da arte quanto a pesquisas no campo de música e gênero e sobre as mulheres no âmbito da regência.

Palavras-chave: Regência. Percussão. Mulheres na música. Gênero. Música Popular.



## ABSTRACT

This research project focuses on the study of the musical practice of three female conductors, from percussive groups, in Porto Alegre, RS. From experiences as a drummer, percussionist and conductor, I bring the daily questioning - not only in the profession, but also in the disciplines within the Bachelor of Music course - of the challenges faced by women as to the places, behaviors and roles expected, negotiated and (in)visible: either in textbooks, on stage or in academic research. From these experiences and challenges, this research project emerged, which aimed to analyze the conducting practice of three women who are in charge of percussion groups in Porto Alegre, their own perceptions about their professional performance as women musicians and the relevance of their work. The investigation was carried out based on a case study of ethnographic inspiration, through interviews with the women surveyed. In addition to the field research, there was also a brief review of the literature on conducting women and percussive music, feminist and decolonial studies, to understand the state of the art regarding research in the field of music and gender and female conductors.

Keywords: Conducting. Percussion. Women in music. Gender. Popular Music.

## LISTA DE IMAGENS

<i>Imagem 1: eu, por volta dos 5 anos, tocando bateria em uma apresentação da Beethoven...</i>	11
<i>Imagem 2: eu, minha irmã e minha mãe em uma apresentação d'As Batucas.....</i>	14
<i>Imagem 3: Print da entrevista com a Biba .....</i>	17
<i>Imagem 4: informações sobre as entrevistas .....</i>	18
<i>Imagem 5: Print do arquivo que criei na tarde em que tudo deu certo.....</i>	20
<i>Imagem 6: Sumário inicial para Colóquio de MP.....</i>	20
<i>Imagem 7: Ideia inicial de sumário na tarde em que tudo deu certo .....</i>	21
<i>Imagem 8: Entrevista com Aleksandra, p. 4 .....</i>	22
<i>Imagem 9: Entrevista com Livia, p. 9 .....</i>	22
<i>Imagem 10: Print do arquivo de PULSAR.....</i>	23
<i>Imagem 11: Print do arquivo de REGER.....</i>	24
<i>Imagem 12: Print do arquivo de LIBERTAR .....</i>	24
<i>Imagem 13: Aleksandra com a mãe e o pai .....</i>	33
<i>Imagem 14 Aleksandra na sua formatura no IPA, em 2008.....</i>	33
<i>Imagem 15: Biba, embaixo para o lado esquerdo, com a família em 1975.....</i>	34
<i>Imagem 16: Biba tocando bateria no ano de 1988.....</i>	34
<i>Imagem 17: Livia com a família .....</i>	35
<i>Imagem 18: Livia tocando violão com o grupo Avoa, em 2018 .....</i>	35
<i>Imagem 19: Livia tocando flauta transversal com o grupo Avoa, em 2018 .....</i>	37
<i>Imagem 20: Biba dando aula na escola infantil Amiguinhos da Praça, em 2001.....</i>	39
<i>Imagem 21: Ale em apresentação da APAE .....</i>	39
<i>Imagem 22: Mestre Thaís Rodrigues .....</i>	43
<i>Imagem 23: Mestre Helen Maria, na Unidos do Uraiti .....</i>	44
<i>Imagem 24: Aleksandra à frente da bateria da Escola Fidalgos e Aristocratas.....</i>	45
<i>Imagem 25: Biba regendo As Batucas, no carnaval em 2018 .....</i>	47
<i>Imagem 26: Livia regendo o Não Mexe, no carnaval de 2019.....</i>	48
<i>Imagem 27: As Batucas no seu carnaval no Vila Flores, em 2020 .....</i>	49
<i>Imagem 28: Saída do carnaval do Não Mexe, em 2019 .....</i>	50
<i>Imagem 29: Ale na Unidos do é o Tcham, de Caxias do Sul, em 2001 .....</i>	52
<i>Imagem 30: parte das integrantes d'As Batucas, no carnaval de 2020 .....</i>	55
<i>Imagem 31: Saída do Não Mexe em 2019, com Gabi Brack na regência da música.....</i>	60
<i>Imagem 32: Ale à frente da bateria da Acadêmicos de Gravataí, em 2009 .....</i>	65

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1 – Para começar a batucada .....</b>	<b>11</b>
1.1. Meus caminhos até aqui.....	11
1.2. Os passos da pesquisa.....	15
1.3. A caminhada é delas .....	18
<b>Capítulo 2 – PULSAR E TRANSGREDIR.....</b>	<b>26</b>
2.1. A música vem da família .....	26
2.2. As dificuldades superadas.....	28
2.3. É necessário pulsar para transgredir .....	31
<b>Capítulo 3 – EDUCAR E REGER.....</b>	<b>36</b>
3.1. Elas são professoras .....	36
3.2. Elas são regentes .....	41
3.3. Funções inseparáveis .....	49
<b>Capítulo 4 – ACOLHER E LIBERTAR.....</b>	<b>54</b>
4.1. Práticas acolhedoras.....	54
4.2. Práticas libertárias.....	57
4.3. Acolher é libertar .....	61
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>66</b>
REFERÊNCIAS.....	68
ANEXOS	

## Capítulo 1 – Para começar a batucada

### 1.1 Meus caminhos até aqui

Parto do princípio de que não existem discursos neutros: cada pessoa fala a partir de tempos e lugares específicos, de acordo com suas realidades e trajetórias específicas. (KILOMBA, 2016, p. 7). Por isso acho importante começar dizendo que sou mulher, branca, de classe média/alta, e que faço parte da comunidade LGBTQIA+.

Cresci no meio musical: minha mãe e meu pai, Biba Meira<sup>1</sup> e Carlo Pianta<sup>2</sup>, ambos musicistas, tiveram uma escola de música desde antes de eu nascer até boa parte da minha infância. A Escola de Música Beethoven era na nossa casa, o que fazia com que minha rotina além do colégio fosse o convívio com os alunos, professores e aulas de todos os instrumentos. Nessa escola eu fazia parte do coral da escola e tinha aulas de bateria com a minha mãe. Para somar nas referências familiares, minha irmã mais velha, Raquel Pianta<sup>3</sup>, também é musicista e a vida inteira me apresentou bandas e foi dupla no estúdio dentro de casa tocando nossas músicas favoritas. Sempre influenciou no meu gosto musical e, já um pouco mais velhas - eu ali pelos 14 anos e ela pelos 19 -, formamos a Polo, que durou em torno de dois anos e foi minha primeira banda.



Imagem 1: eu, por volta dos 5 anos, tocando bateria em uma apresentação da Beethoven.

<sup>1</sup> Biba Meira é baterista, percussionista e educadora musical, graduada no curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista IPA. Em 2015 fundou As Batucas – Orquestra Feminina de Bateria e Percussão, que é o primeiro grupo de percussão e bateria formado exclusivamente por mulheres que surgiu em Porto Alegre. Por ser uma das regentes estudadas no presente trabalho, terá sua biografia mais detalhada a seguir.

<sup>2</sup> Carlo Pianta é guitarrista, baixista, cantor, compositor e professor. Graduou-se na faculdade de Música da UFRGS, em Porto Alegre, habilitado em Composição, e mais tarde obteve um mestrado em Composição e um doutorado em Letras, ambos na mesma universidade. Tornou-se conhecido como membro de bandas de rock notórias no estado do Rio Grande do Sul e no Brasil, como a Graforréia Xilarmônica.

<sup>3</sup> Raquel Pianta é formada em Música Popular pela UFRGS e atualmente atua como vocalista e guitarrista da banda Hibizco. Professora de música no Grupo Vocal d'As Batucas, no Clube Social Pertence e também particular.

Ao chegar no terceiro ano do ensino médio e ter que tomar a fatídica decisão do que fazer no vestibular, o curso de música não era minha primeira opção. De certa forma, queria manter como diversão aquilo que por tantos anos havia sido meu refúgio em muitos momentos: não queria ver a música de forma profissional.

Cursei um ano de Ciências Sociais na UFRGS em 2013 e em 2014 morei em Israel<sup>4</sup>. Na volta, sem querer retornar para o curso que estava fazendo, tive um tempo de reflexão em torno da vida acadêmica. Ainda em 2015, comecei a fazer parte do grupo que minha mãe tinha recém criado, chamado “As Batucas – Escola de Bateria e Percussão<sup>5</sup>”. Entrei como baterista e, aos poucos, fui me interessando pelos outros instrumentos e me identificando cada vez mais com a Escola. Logo no início do ano de 2016 eu e minha mãe abrimos uma turma juntas e, nesse momento, me tornei professora d’As Batucas, e as coisas começaram a tomar rumo. Comecei a aprender sobre novos instrumentos percussivos – com que até então nunca tinha tido contato – e passei a ver a possibilidade de realmente trabalhar com música.

Acredito muito na educação como uma forma de mudar o que está ao meu redor e vejo nela ferramentas essenciais para construir um mundo mais justo. Participei dos 10 aos 20 anos de um movimento juvenil judaico<sup>6</sup> no qual a base era a educação de jovens para jovens. Ali consegui ver na prática o que de melhor a formação de grupos e a troca entre as pessoas pode gerar. Dos 16 aos 20 anos dediquei boa parte do meu tempo para, dentro do movimento, propor atividades para crianças e adolescentes e ali comecei a ver que ser educadora era um caminho possível e transformador. Estar ao lado da minha mãe educando mulheres dentro do meio musical e percussivo não foi apenas um acaso. Mais turmas, mais alunas, mais instrumentos, mais experiências e mais claro ficava. Em 2017 entrei como a primeira mulher baterista no curso de Música Popular da UFRGS.

Minha introdução no mundo da percussão se deu em 2015, dentro d’As Batucas, mas meu repertório musical só se tornou predominantemente brasileiro e popular quando ingressei na faculdade. Até esse momento, as músicas que eu escutava e tocava eram, em sua maioria, Pop americanas, *Indie Rock* ou algumas poucas músicas brasileiras famosas que eu gostava. Minha primeira cadeira de Prática Musical Coletiva, com a professora Lu Prass, foi um divisor de águas para o que eu iria estudar na bateria e nos livros nos últimos anos. O mundo acadêmico,

---

<sup>4</sup> Através do programa “Shnat Hachshará”, que do hebraico significa “ano de capacitação” realizei a viagem, que faz parte da vivência dentro do movimento juvenil Chazit Hanoar.

<sup>5</sup> As Batucas – Orquestra Feminina de Bateria e Percussão, serão abordadas ao longo do trabalho.

<sup>6</sup> Chazit Hanoar – movimento juvenil, judaico e educativo. Prima pela educação grupal, de jovem para jovem.

alguns professores e meus amigos na faculdade me introduziram para o mundo da Música Popular Brasileira, ao mesmo tempo em que a minha maior presença n'As Batucas aumentava meu interesse pelo Samba e por outros gêneros musicais como Samba Reggae, Ijexá e Coco. Praticamente do dia para a noite meu foco de estudos e repertório tinha mudado completamente, e sigo nele hoje em dia.

Ainda em 2017, mesmo sem muito querer trabalhar com crianças na época, fui professora de música em uma escola canadense que recém abrira em Porto Alegre. Sem planejar e, talvez, sem querer muito, me vi sendo professora em dois lugares distintos: a escola Maple Bear e As Batucas. E eu, que talvez tivesse entrado para o curso de música com o objetivo de montar uma banda e me aprimorar na bateria, no primeiro ano de faculdade não estava fazendo nada do que havia imaginado. Novamente a educação estava em primeiro plano.

Não me preocupo muito quando o planejamento não sai como havia imaginado, pois sempre vi minha vida de estudante e minha vida profissional totalmente interligadas. Sempre fui uma pessoa de fazer muitas coisas ao mesmo tempo e acredito que experiências novas sempre nos acrescentam. Em função disso, não vi como um problema começar a dar aulas antes mesmo de entrar na faculdade ou trabalhar com crianças em um momento que não queria. Na minha vida as oportunidades e decisões quase nunca vieram de uma forma tradicional ou no momento que eu poderia imaginar que fosse o ideal, mas no fim todas elas acabaram se encaixando e me mostrando novas formas de ver o que já fazia antes e ressignificar o que viria depois.

Além da educação, o fato de “ser mulher” sempre foi uma questão muito presente em minha vida. Desde criança, quando jogava futebol apenas com meninos, passando pelo movimento juvenil, quando queria ocupar cargos predominantemente masculinos, depois na faculdade de Ciências Sociais, com as discussões de gênero, até, atualmente, sendo professora n'As Batucas e estando na faculdade como baterista – instrumento predominantemente tocado por homens. Acredito que em todos os espaços que frequento luto por um dia essa – o gênero - não ser uma questão tão importante e definidora de caminhos. Luto por poder ser mulher, mas, também, profissional, baterista, professora, estudante e o que mais estiver sendo no momento. Sinto que as mulheres têm uma carga maior por trás de tudo que fazem, como se tivessem algo para provar para quem as escuta ou assiste, como se fossem testadas por serem mulheres e carregassem todas as outras em tudo o que fazem. Acredito que uma mulher que conquista seu espaço abre caminhos para outras que estão por vir, e dessa forma vejo minhas conquistas profissionais como uma luta por mim e por futuras musicistas.

Hoje em dia trabalho n'As Batucas diariamente e me tornei, além de professora de todas as turmas, regente nas apresentações. O mundo da regência, também predominantemente masculino, está sendo agora introduzido no meu. Como quase tudo nos últimos anos, quase tudo que sei sobre isso, aprendi vendo quem convivo fazer e tirando dúvidas com quem confio

e gosto do trabalho: tudo no meio d'As Batucas, blocos de carnaval e musicistas populares de Porto Alegre. Apesar de acreditar na passagem oral de conhecimentos e na vivência, comecei a construir um interesse também pelos livros que contam a história da regência, como se formou no que vemos hoje dentro de orquestras e entender um pouco das técnicas e conhecimentos que os maestros e maestrinas usam para regê-las. Gostaria de conseguir aproveitar o mundo da faculdade e o que ele me proporciona para tentar juntar no meu estilo de regente o melhor dos dois mundos: popular e erudito.



Imagem 2: eu, minha irmã (Raquel) e minha mãe (Biba) em uma apresentação d'As Batucas.  
Raquel é professora e regente do grupo vocal.

A entrada na faculdade, a mudança de repertório, a entrada n'As Batucas, a regência, o estudo mais próximo sobre as mulheres e a relação de gênero dentro da música: acontecimentos e processos que não acontecem separadamente. Tudo aqui se interliga, formando quem sou agora, com o que me preocupa e como dedico meu tempo de estudo, trabalho e lazer: hoje em dia busco escutar artistas mulheres, saber suas histórias e o que estão produzindo; pesquiso referências bibliográficas escritas por pessoas próximas à cultura popular; procuro vídeos com mestras e mestres ensinando seus conhecimentos; penso na relevância de aprender regência para que se tenham cada vez mais mulheres nessa posição; tenho consciência do poder que pode ser o ensino de instrumentos percussivos para mulheres. Hoje sou essa Julia e, por ela e por tantas mulheres, decidi pesquisar aqui sobre três mulheres regentes de grupos de percussão em

Porto Alegre. *Pesquisar*, no sentido de conhecer, me aproximar e entender. *Pesquisar*, no sentido de registrar, documentar e analisar um trabalho tão importante. *Pesquisar*, no sentido de valorizar mulheres fortes e presentes, mulheres que estão fazendo acontecer aqui e agora.

## 1.2 Os passos da pesquisa

O intuito primordial desse trabalho foi analisar a prática de regência de três mulheres que estão à frente de grupos de percussão em Porto Alegre e suas próprias percepções sobre suas atuações profissionais enquanto mulheres musicistas. Sendo uma pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica, considero a análise musical aqui não só os sons, as melodias ou os instrumentos, mas também o ambiente ao seu redor, as pessoas que o compõe e de que maneira essa interação ocorre. Como nos diz o etnomusicólogo Anthony Seeger (2008), “a etnografia da música é a escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música. Ela deve estar ligada à transcrição analítica dos eventos, mais do que simplesmente à transcrição dos sons.” (SEEGGER, 2008, p. 239).

A fim de não só conhecer as trajetórias das regentes e de como exercem suas funções nos grupos, mas, também, refletir o que representa ter o espaço da regência/coordenação de grupos musicais e de percussão ocupado por mulheres, achei importante que, além das entrevistas, uma revisão bibliográfica fosse realizada. Entender o que está sendo pensado e escrito no campo de estudos de gênero e música foi crucial para que eu conseguisse visualizar a relevância dessa pesquisa e, também, para definir os rumos que ela tomaria.

A pesquisa qualitativa, dentro desse trabalho, é necessária para a compreensão mais profunda do que representa o espaço da regência e da coordenação de grupos percussivos ser ocupado por mulheres. Para Marconi e Lakatos (1982),

a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc (MARCONI; LAKATOS, 1982, p. 269).

Apesar da importância do olhar qualitativo, a coleta de alguns dados quantitativos como, por exemplo, quantas mulheres cursam Regência dentro da UFRGS, colabora para maior compreensão do assunto tratado.

A realização de entrevistas é uma ferramenta importante para coleta de dados da pesquisa qualitativa e do método etnográfico e, portanto, a realização delas foi a base para esse trabalho. Entende-se que as entrevistas levam a pesquisadora a uma maior proximidade com quem se está pesquisando, e, também, à possibilidade de enxergar novos fatores sobre a



pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (1982), a entrevista “possibilita também a coleta de dados importantes que não se encontram em fontes documentais [...]” (MARCONI; LAKATOS, 1982, p. 280).

Para conhecer as trajetórias musicais das regentes e analisar como elas organizam e realizam sua prática de regência e de coordenação de seus grupos, essas conversas foram fundamentais. Foram três entrevistas separadas, uma com cada regente, a fim de conhecer e entender suas próprias perspectivas sobre suas histórias e atuações. Essa dinâmica possibilitou que as próprias mulheres pesquisadas contassem sua trajetória musical, seu momento de trabalho à frente desses grupos, como exercem suas funções e como se enxergam nelas. As entrevistas foram semiestruturadas, com algumas perguntas para guiar a conversa, mas sem uma restrição de respostas ou exclusão de outras questões que poderiam surgir.

A primeira conversa que tive foi com Lívia Tabert, no dia 21 de outubro de 2019. Ainda sem a pandemia da Covid-19 que surgiu no ano de 2020, pude fazer a entrevista pessoalmente, na casa dela. Nessa época ainda não estava no meu período de Trabalho de Conclusão de Curso e estava realizando a pesquisa como bolsista de Iniciação Científica orientada pela Profa. Marília Stein. Ali foram os primeiros importantes passos para o que se tornou hoje esse trabalho. As entrevistas com Biba Meira e Aleksandra Amaral já ocorreram no processo deste Projeto de Graduação, com os objetivos mais claros e com um rumo mais definido. Ambas aconteceram durante o segundo semestre de 2020 de forma online, através do aplicativo Zoom, em função das restrições de isolamento.

Acho importante destacar que minha proximidade com o tema da pesquisa - por ser também eu uma mulher regente - desde o período da bolsa com a Profa. Marília Stein, sempre foi uma questão. Reflexões importantes sobre como me posicionar, para onde direcionar meu olhar, como tentar interferir ou não nas entrevistas, etc., foi, e segue sendo, um exercício bem importante para mim, como pesquisadora, levantar essas questões e praticá-las. É um desafio constante. O sociólogo Pierre Bourdieu (2007), sobre o pesquisador que tem familiaridade com o assunto pesquisado, nos diz que

é sem dúvida o exercício mais difícil que existe, porque requer a ruptura das aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes, justamente aquelas que, muitas vezes, constituem o interesse do próprio objeto estudado para aquele que o estuda, tudo aquilo que ele menos pretende conhecer na sua relação com o objeto que ele procura conhecer (BOURDIEU, 2007, p. 51 apud PRESSER, 2018, p. 81).

A primeira entrevista realizei sozinha, apenas eu e a Lívia Tabert. Nunca tinha entrevistado alguém antes e ali já pude perceber alguns pontos como, por exemplo, não completar a frase da entrevistada quando ela está em silêncio pensando. A segunda entrevista,

com Biba Meira, trouxe outra reflexão importante: por ser minha mãe, a proximidade que temos poderia ditar os rumos da conversa ou, inclusive, prejudicar os dados ou reflexões que poderiam ser coletados. Por essa razão, minha orientadora Profa. Luciana Prass participou da entrevista junto conosco. Foi muito bom estarmos nós três na conversa, não só pela questão anterior, mas também pelas contribuições que a Lu trouxe para os diálogos. Para entrevista da Alexandra, então, decidimos que ela também participaria.



Imagem 3: Print da entrevista com a Biba (em cima, à esquerda). Eu (em cima, à direita) e Lu (embaixo).

A entrevista presencial com a Livia foi gravada apenas em arquivo de áudio, com meu celular. As entrevistas realizadas pelo Zoom, com Biba e Alexandra, foram gravadas em áudio e vídeo, com recursos do próprio aplicativo. Transcrevi as três entrevistas na íntegra, cuidando ao máximo para que a transcrição respeitasse as falas literalmente como tinham sido ditas. Inspirada no educador musical Jean Presser (2018) apresento na imagem 4 as informações sobre as entrevistas realizadas, em ordem cronológica.

	<b>Entrevistada</b>	<b>Data</b>	<b>Duração</b>	<b>Local da entrevista</b>	<b>Transcrição</b>
1	Lívia Tabert	21/10/19	49min	Ao vivo na casa da Lívia – Porto Alegre	17 pp.
2	Biba Meira	10/09/20	1h23min	Online via aplicativo Zoom	20 pp.
3	Alexsandra Amaral	26/11/20	56min	Online via aplicativo Zoom	15 pp.

Imagem 4: informações sobre as entrevistas.

Após a escuta atenta e, muitas vezes, repetida das entrevistas para realizar as transcrições, vários pontos importantes começaram a surgir: semelhanças entre as falas, questões para refletir, rumos para tomar. Após terminar as transcrições, li os três arquivos para ir fazendo anotações ao lado das falas para que pudesse começar a limitar um pouco os temas que achava importante. Em seguida escolhi seis marcadores – um para cada tema relevante – e sublinhei trechos das três entrevistas com essa diferenciação de cores. Criei arquivos separados para cada marcador, unindo as falas de cada uma sobre aquele tema em um só documento. Foi o primeiro momento que realmente comecei a agrupar as diferentes entrevistas e, aqui, os assuntos que iria priorizar já estavam bem mais delimitados.

### **1.3 A caminhada é delas**

A escolha para as três regentes colaboradoras dessa pesquisa não foi difícil. Até poucos anos atrás não conhecia nenhuma regente mulher de grupos de percussão em Porto Alegre. Quando minha mãe – Biba Meira – começou a reger As Batucas, por volta de 2016, foi o primeiro contato próximo que tive com uma mulher nessa função. Comecei a acompanhar o bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só por volta do mesmo ano e ali tomei conhecimento da Lívia Tabert, que estava à frente do grupo. Entrando na faculdade, em 2017, e me interessando cada vez mais pelo tema, o nome da Alexsandra Amaral, Mestra de Bateria, começou a aparecer cada vez mais. São essas três mulheres que, nos últimos anos, têm sido minha referência de mulheres à frente de grupos de percussão aqui na cidade.

Escolhi falar sobre as três juntas por saber que as três têm trajetórias muito diferentes. Das três, a que eu menos conhecia era a Lívia. Ao longo da entrevista descobri que ela toca de tudo: flauta transversal, violão, cavaquinho, percussão. Estudou no Conservatório da OSPA por alguns anos e deu aula em várias escolas e projetos de Porto Alegre. Alexsandra, para mim, sempre foi a referência que tinha do mundo das Escolas de Samba aqui da cidade. Já assisti alguns shows com ela tocando percussão – com a Pamela Amaro, por exemplo – e sempre

ficava hipnotizada olhando tudo o que ela fazia no palco. Biba – claro, a que mais conhecia – veio de outro lugar: baterista nos anos '80 e referência dentro do Rock Gaúcho. Inclusive ela, que já é minha mãe há 25 anos, conheci um pouco mais durante a entrevista.

A ordem que realizei as entrevistas foram bem decisivas no conteúdo de cada uma. O roteiro que fiz para entrevistar a Lívia, em 2019, era focado em conhecer a história dela com a música e a regência. Entre a entrevista dela e a da Biba, quase um ano depois, algumas ideias já tinham ficado um pouco mais nítidas. A educação, de maneira ampla, por exemplo, não era um tema que inicialmente eu falaria no trabalho. Depois de conversar com a Lívia que percebi que as três, além de regentes, eram educadoras. Para a segunda e a terceira entrevista, então, a educação foi um tema que já abordei mais do que na primeira. Apesar do meu roteiro ser o mesmo para todas, outros temas já foram mais tratados nas duas últimas, justamente por terem aparecido na primeira e também porque eu fui me familiarizando mais com o próprio processo de realização de uma entrevista.

O mesmo processo lento que ocorreu entre as entrevistas, de reflexão e maturação, aconteceu enquanto transcrevia cada uma delas. As similaridades e diferenças entre uma e outra começaram a ficar mais nítidas, mas, mesmo assim, o momento de pensar os marcadores para categorizar as falas delas e definir os pontos em comum foi o mais desafiador. Apesar da familiaridade que já tinha criado com as entrevistas, as palavras que me ocorriam não eram suficientes para essas marcações. São muitos assuntos em cada entrevista, com muitas variantes. “Família”; “bandas”; “educação”; “regência”; “shows”; “gênero”. Essas foram algumas das categorias que pensei e, de certa forma, todas elas excluía algo que eu achava importante ou me pareciam diminuir os assuntos. Em uma tarde de insistência para encontrar essas palavras-chave que dariam o rumo para o trabalho, veio a ideia: usar verbos.

Os substantivos que citei anteriormente estavam soando estáticos e diminutivos demais para o que as três regentes representam para mim. As entrevistas foram intensas, as entrevistadas são intensas e os momentos intensos. Usar verbos pareceu-me ser mais significativo: eles são ação, são movimento, são força. Cabe melhor a elas essa intensidade e relevância que o verbo tem. Acredito também que, por elas serem mulheres e serem exemplo para outras mulheres, os verbos dão uma sensação clara de interferência, no sentido das ações e vivências das entrevistadas afetarem a vida de outras pessoas. A palavra “libertar”, por exemplo, soa mais como uma interferência e uma ação interna e externa ao mesmo tempo, do que o substantivo “liberdade”, que soa mais estático e constante.

Partindo dos substantivos e assuntos possíveis de categorização, cheguei nos seguintes verbos: PULSAR, TRANSGREDIR, EDUCAR, REGER, ACOLHER e LIBERTAR.

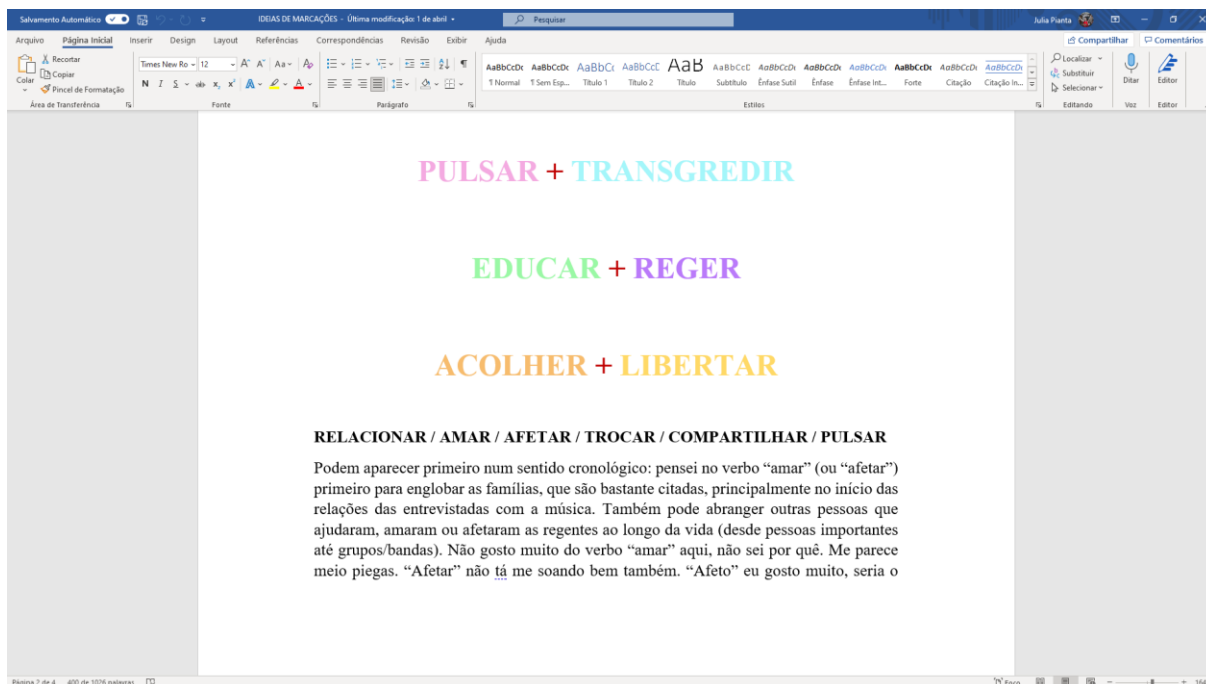


Imagem 5: Print do arquivo que criei na tarde em que tudo deu certo.

A tarde em que os verbos me vieram a cabeça foi tão intensa que alterei meu sumário inteiro e tudo pareceu fazer mais sentido a partir daquele momento. O primeiro sumário que eu havia feito seguia uma ordem lógica e cronológica. Começava falando sobre mim, sobre os objetivos e metodologia da pesquisa, apresentava meus referenciais teóricos e culminava falando sobre as regentes e a relação entre elas. Nada de errado, mas, como disse, não estava me parecendo suficiente para representá-las. Resolvi fazer dos verbos os capítulos e, achando que seis capítulos seriam demais, agrupei-os em duplas. Como naquelas tardes em que tudo dá certo, deu certo. Esse se tornou o rumo.

<b>SUMÁRIO</b>	
<b>INTRODUÇÃO</b>	
<b>Capítulo 1 – Para começar a batucada .....</b>	<b>XX</b>
1.1. Meus caminhos até aqui .....	XX
1.2. As Batucas .....	XX
1.3. Eu, regente? .....	XX
1.4. Objetivos.....	XX
1.5. Metodologia .....	XX
<b>Capítulo 2 – Os pulsos que me movem.....</b>	<b>XX</b>
2.1. Pensamento Decolonial .....	XX
2.2. Educação Libertária .....	XX
2.3. (Re) Significando as palavras .....	XX
<b>Capítulo 3 – Melodias distintas, batidas em comum.....</b>	<b>XX</b>
3.1. O contexto percussivo da cidade – das escolas de samba aos bloquinhos ...	XX
3.2. Onde estão as mulheres regentes em Porto Alegre?.....	XX
3.3. Alexandra Amaral .....	XX
3.4. Biba Meira .....	XX
3.5. Livia Tabert .....	XX

Imagem 6: Sumário inicial para Colóquio de MP.

Pensar nos verbos como subcapítulos. São 6 marcadores, poderia juntar em duplas e tornar 3 subcapítulos.

Agora to pensando aqui que poderiam ser 3 capítulos, e não subcapítulos. Tipo assim:

<b>Capítulo 1 – Introdução: para começar a batucada .....</b>	<b>XX</b>
1.1. Meus caminhos até aqui .....	XX
1.2. Objetivos .....	XX
1.3. Metodologia .....	XX
1.4. As regentes .....	XX
1.5. (Re) Significando as palavras .....	XX
<b>Capítulo 2 – PULSAR E TRANSGREDIR.....</b>	<b>XX</b>
2.1. Pensamento Decolonial.....	XX
2.2. As pessoas (família, amigos, bandas...) .....	XX
2.3. Os lugares “solitários” ou o “Meter a cara” (kkkkk) .....	XX
<b>Capítulo 3 – EDUCAR E COORDENAR (REGER).....</b>	<b>XX</b>
3.1. Educação Libertária .....	XX
3.2. ....	XX
3.3. ....	XX
<b>Capítulo 4 – ACOLHER E LIBERTAR.....</b>	<b>XX</b>
4.1. ....	XX
4.2. ....	XX
4.3. ....	XX

Imagem 7: Ideia inicial de sumário na tarde em que tudo deu certo.

Depois de ter escolhido os verbos e ter montado um possível sumário foi que comecei a visualizar, pela primeira vez, o trabalho que realizei aqui. Imprimi as entrevistas, comprei seis marca textos em tons pastéis e comecei a sublinhar. Algumas marcações eram fáceis de fazer, outras mais complicadas. Muitas vezes era difícil decidir qual cor usar, qual verbo se encaixava mais com uma frase ou outra. No fim, estar sublinhando no papel (e não no computador) foi muito importante, porque assim eu conseguia rabiscar e colocar várias cores nas mesmas falas. Na imagem 8, da transcrição da entrevista com a Alexsandra, uma página na qual aparecem todas as cores de marcação. Na imagem 9, da entrevista com a Lívia, uma única frase que marquei com três verbos diferentes.

	<p>me ajudou todo esse tempo, é o tamborim mais pesado... eu toco com um tamborim, né, mais leve hoje. Aí o mestre falou assim, mestre Negrita falou: "O sarará, tu tá passado... já pr... vai desfilar", aí (suspiro de alívio). Porque tava todo mundo fazendo teste, "Sai! Sai! Tu sai!", e é bem assim, "Tu fica!", bem assim. Pra esperar fantasia as vezes eles te mandavam ir as 9h da manhã, tu ia receber a fantasia lá no final da tarde, mas nem tava pronta ainda, tavam terminando. Então, todo iss... todas essas histórias eu fui aprendendo com isso, quando eu fui amadurecendo, fazendo umas amizades com o mestre, ajudando, passava umas roupas de show... então essas coisas a gente vai aprendendo... e é tão legal... eu sinto saudades, de pegar minha mochilhinha e ir pra escola, naquela época que o ensaio a gente comia na banc... no barracão, na banca das baianas... então, tipo... que falam que a cozinha, né, era o lugar da bateria, onde era o que a gente mais gostava, onde tava a comida né, então era ali a cozinha... meu pai fala cozinha, não fala bateria. "ah minha filha é...", como é que ele fala? "É ensaiadora da cozinha!", ele fica todo bobo hoje (risos).</p>	<p>15:28</p>
<p>15:28</p>	<p>Lu Prass: ba isso é título... título de capítulo hein, "ensaiadora da cozinha". Que coisa linda!          Julia: E Ale, ali na...          Ale: (risos) é né          Julia: depois do... depois do teste, quando tu começou assim a tocar dentro da escola de samba, era só tu de mulher durante anos, assim? Como é que... ou tinha alguma, uma que outra assim...?          Ale: tocando, tu diz? Tocando ali na bateria, tu diz?          Julia: é, antes de tu... antes de tu, porq...          Ale: ah, tinha eu e mais uma. Tinha eu e mais só, o resto era tudo homens. Depois chegou o Jorge Tarol... ele começou a inserir mais mulheres na bateria. Ele ensinava a gente também a tocar, a arrumar os instrumentos, né, a afinar... hoje em dia tu pega os instrumentos zerados né... nos tínhamos que afinar instrumentos, 1ª, 2ª, 3ª, em polegadas iguais. Hoje em dia tu tem um instrumento, tu vai lá na loja tal, ele te dá 18 pro fulano, 20 pro beltrano, então... tu só vai (barulhinho). Então nos tínhamos todos esses conhecimentos. Tirar a pele, desamassar por dentro do instrumento. A Lu viu lá no Bambas como é que antigamente era, também, não era couro, as vezes... tinha que ter muita grana pra comprar o couro, hoje também, era uma (??). Então a gente... e era eu e mais uma menina, depois quando entrou o Jorge Tarol teve mais mulheres. Mais no... nos chocalhos ali, né, com tampinhas ou... com aquele ganzazinho. Depois foi abrindo, foi abrindo...          Julia: mas mesmo quando tu tava regendo...          Ale: mas ainda a maioria homens...          Julia: quando tu já tava de mestra ali na bateria a maioria era homem, ainda?          Ale: a maioria a maioria era homens. Tip... tipo assim, eu sei no... nos dedos contar quantas mulheres tinham. Eu sei contar quantas tinham. Tinha a Aline na caixa... a gente chama ela de Batoré, né, uma amiga nossa, que é filha do falecido... ah... Paulinho Durão, na caixa... e tinha, ah... as gêmeas de Viamão, minhas amigas, nos tamborins... e algumas gurias da Restinga nos chocalhos, que são minh... e agbês. Surdo tinha pouco, só na Acadêmicos de Gravataí, ali... tu vê. Eu comecei a fazer uns ensaios na garagem do pátio, que eu assumi a bateria lá, e... e... ensinando as gurias a tocar o surdo. Pra... Porque elas tinham aquela vontade de tocar, comecei a ensinar. Aí começaram a tocar surdo algumas gurias.</p>	<p>15:28</p> <p>ELA E 2 MULHER MENINA</p> <p>3 MULHERES + 20 CHALHOS</p> <p>REGENDO NA BATERIA DE ALUMENS</p> <p>ENSINANDO GURIAS A TOCAR SURDO</p>

Imagem 8: Entrevista com Alexsandra, p. 4.

<p>15:28</p>	<p>Julia: que o fato de tu ser mulher, no caso né, não sendo homem ou alguma outra definição, definiu aonde tu tá hoje com a regência?          Lívia: o fato de eu ser mulher?          Julia: é.          Lívia: deixa eu pensar... (pausa) é que difícil tu pensar isso dentro de um coletivo que é de mulheres, né?          Julia: sim, de certa forma, óbvio que sim né... porque se não tu não taria...          Lívia: mas se não fosse no Não Mexe eu não estaria nesse lugar, eu tenho certeza...          Julia: uhum          Lívia: porque tem outras pessoas que fazem isso em Porto Alegre, né          Julia: sim          Lívia: então, seila... tu diz se eu tivesse começado a tocar em um coletivo misto ao invés de começar a ir pro Não Mexe?</p>	<p>"SE NÃO FOSSE O NÃO MEXE EU NÃO ESTARIA NESSE LUGAR"</p>
--------------	---	---

Imagem 9: Entrevista com Lívia, p. 9.



Terminadas as marcações no papel, criei seis arquivos separados – um para cada marcador – e copiei as falas de cada entrevista para o arquivo da sua cor determinada. Era o primeiro momento que colocava as três entrevistas realmente em contato e comparação uma com a outra. Consegui ver, também, quanto de cada verbo que aparecia mais em cada entrevista, qual assunto que cada uma das colaboradoras falou mais ou menos sobre. Para exemplificar, na imagem 10, um print do arquivo de “PULSAR”; na imagem 11, um print do arquivo de “REGER”; e na imagem 12, um print do arquivo de “LIBERTAR”. Em marrom os recortes são da entrevista com a Alexandra, em azul da Biba e em verde da Lívia.

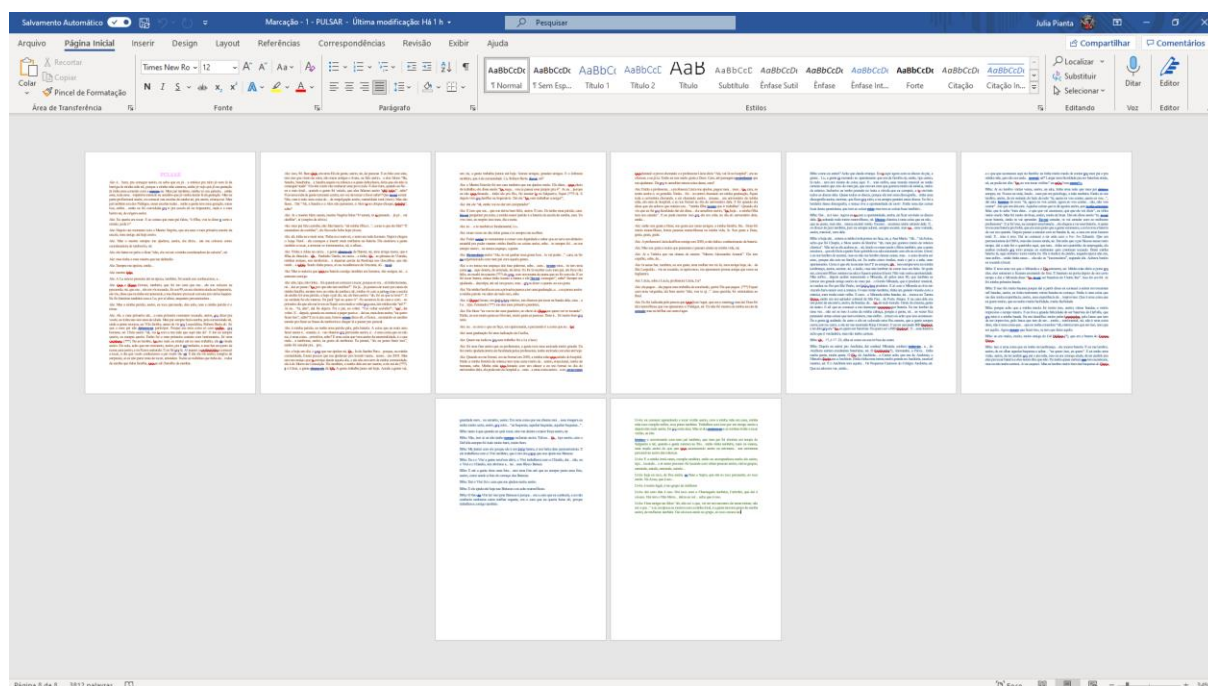


Imagem 10: Print do arquivo de PULSAR.



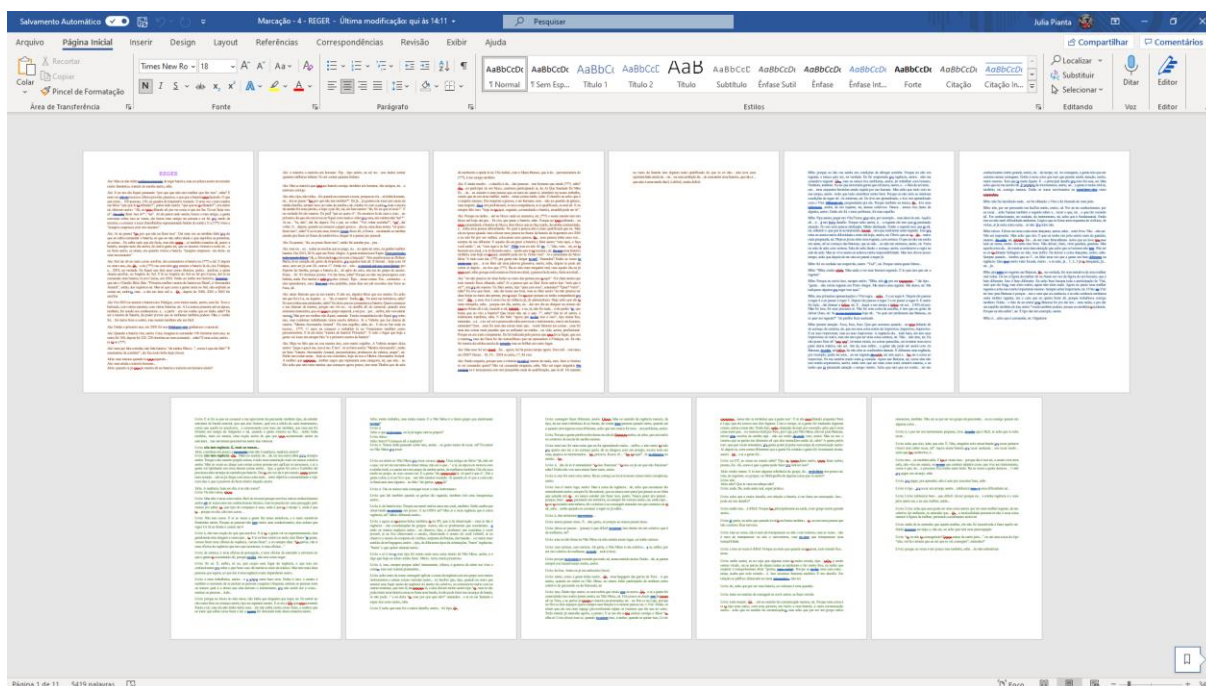


Imagem 11: Print do arquivo de REGER.

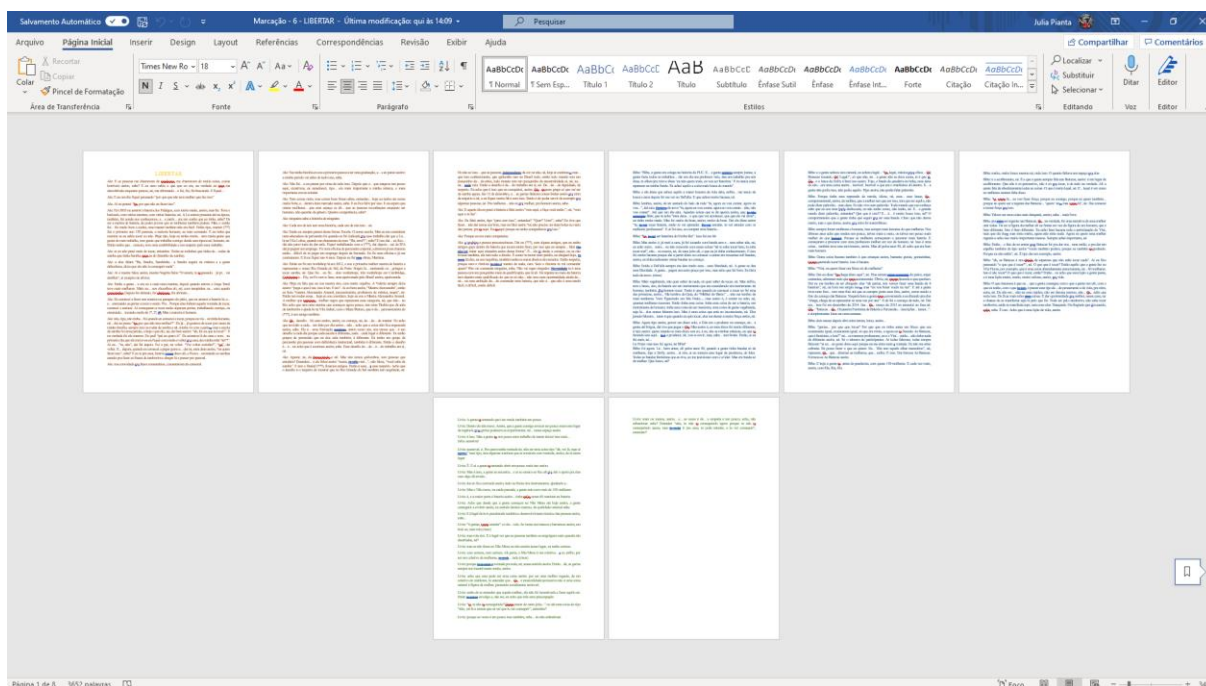


Imagem 12: Print do arquivo de LIBERTAR.

É essencial falar aqui que as entrevistas, as transcrições, os marcadores, os arquivos separados, essa pesquisa, tudo isso, são o conjunto das minhas percepções sobre as entrevistadas. As entrevistas foram focadas para a pesquisa, os marcadores pensados para a pesquisa e a metodologia pensada para a pesquisa. Alexandra, Biba e Lívia, são muito mais do

que seis verbos ou seis marca-textos em tons pastéis. Trago aqui um olhar meu para o que conheci e estudei sobre cada uma, referências que dialogam com os assuntos que conversamos e pensamentos sobre os temas tratados.

Ter menos de Livia no arquivo do verbo “EDUCAR”, por exemplo, não significa que Livia seja menos educadora. Ter menos de Biba no arquivo sobre “REGER”, não significa que Alexandra seja mais regente do que Biba. O estudo de caso, aqui, não busca nem torná-las a mesma pessoa, nem diferenciá-las em tudo. Busco conhecer a história das três, com suas particularidades e suas semelhanças, e entender o que elas representam. Como me disse Alexandra: *“Ninguém sabe a história de ninguém. Cada um de nós tem uma história, cada um de nós tem, né?”*

## Capítulo 2 – PULSAR E TRANSGREDIR

*PULSAR – ter pulsação, latejar;  
movimentar por meio de impulso; impelir, impulsionar  
pôr em movimento ritmado  
ter palpitação, palpitar, arquejar.*

*TRANSGREDIR – ir além de; atravessar;  
não cumprir, não observar (ordem, lei, regulamento etc.)  
infringir, violar*

### 2.1 A música vem da família

Diário de campo - Sexta-feira, 26 de março de 2021  
Os trechos das entrevistas podem aparecer primeiro num sentido cronológico: pensei no verbo "amar" (ou "afetar") primeiro para englobar as famílias, que são bastante citadas, principalmente no início das relações das entrevistadas com a música. Também pode abranger outras pessoas que ajudaram, amaram ou afetaram as regentes ao longo da vida (desde pessoas importantes até grupos/bandas). Não gosto muito do verbo "amar" aqui, não sei por quê. Me parece meio piegas. "Afetar" não tá me soando bem também. "Afeto" eu gosto muito, seria o substantivo que eu usaria. Tô na dúvida do verbo que mais representaria o que quero dizer. "Relacionar" pode ser uma possível solução.

A primeira semelhança que percebi entre as três mulheres veio, justamente, nas suas primeiras falas: a relação delas com a música começou dentro de casa. É interessante perceber as diferenças dentro dessa semelhança, como cada família tem sua própria característica e história. Aparece o aprendizado de violão com a Lívia, os discos de música clássica com a Biba e o mundo das rodas e Escolas de Samba com a Alexsandra.

A Ale fala sobre sua conexão com a música ter começado já na gestação, porque sua mãe cantava durante a gravidez. Cita a vó gaiteira, o pai dentro das Escolas de Samba. Constrói esse mundo musical desde cedo e, desde cedo também, se percebe seus enfrentamentos por ser mulher:

*Ale: Ah, [...] o meu primeiro momento tocando, assim, pra dizer pra vocês, eu tinha uns seis anos de idade. Meu pai sempre fazia samba, pela comunidade ali, onde a gente morava, na Vila Jardim, antes de vir pro Leopoldina, Rubem Berta, ali. Só que o meu pai não deixava eu participar. Porque era uma coisa só com mulhe... pra homens, né? Dizia assim "ah, vai lá com a tua mãe que aqui não dá". E daí eu sempre queria, eu sempre queria. Então foi o meu primeiro contato com instrumento, foi uma cubana. [...] Ele saiu, acho que um momento, assim, pra ir no banheiro, e esse bar era perto da nossa casa assim, e eu ficava espiando. E eu fui pra lá. Aí peguei a cubaninha e comecei a tocar. O dia que vocês conhecerem o pai vocês vão ver! E daí ele viu assim [suspiro de surpresa]. Aí eu não parei mais de tocar, entendeu. Todas*

*as rodinhas que tinha de... rodas de samba que tinha família, tava eu ali [onomatopeias de percussão de samba].*

A música também começou dentro de casa na infância para Biba, com o pai apaixonado por música e com uma grande coleção de vinis de música clássica: *“como eu entrei? Acho que desde criança. Eu tô aqui agora com os discos do pai [...]. Esse mundo musical eu tenho certeza assim que veio do meu pai, que era um cara que gostava muito de música, muito de música”*. Conta também que, agora durante a quarentena, teve a oportunidade de ouvir os discos que herdou dele e começou a se reconectar com esses momentos da infância. Com seis crianças em casa, o jeito dele escutar os discos só podia ser um:

*Biba: e hoje até... ontem a minha irmã postou no face, né, a Ana Marta. “Ah...” ela botou, acho que foi Chopin, e falou assim da história: “ah, meu pai gostava muito de música clássica”. [...] e falou também, que a gente escutava... que ele fazia a gente ficar quietinho na sala escutando com ele as coisas. [risos] e eu me lembro de escutar, mas eu não me lembro dessas cenas, mas... a cena deveria ser essa, porque são seis na família, né? Eu tenho cinco irmãos, mais o pai e a mãe, num apartamento. Como é que ele ia escutar isso? E eu sempre, ah... isso sempre teve na minha lembrança, assim, escutar, né, o áudio, mas não lembrar de como isso era feito. Só pode ser, com seis filhos: sentem na sala e fiquem quietos [risos].*

O ambiente familiar da Lívia também foi o que a inseriu na música, junto com a mãe e as irmãs. Durante a entrevista, ela foi a única que contou, literalmente, que aprendeu a tocar seu primeiro instrumento dentro de casa através da família: *“eu comecei aprendendo a tocar violão assim, com a minha mãe em casa. Minha mãe toca, compõe, enfim, toca piano também. Trabalhou com isso por um tempo assim e depois não mais. Foi pra outra área. Mas aí ela ensinou eu e as minhas irmãs a tocar violão, as três”*.

A Lívia menciona também o pai, que foi ritmista do Salgueiro enquanto moravam no Rio de Janeiro, e que ajudou-a a entender as estruturas percussivas das músicas. Da família, a que mais foi citada por ela foi a irmã, que, além de ir com ela pela primeira vez em um ensaio do Não Mexe Comigo que eu não ando só, também parece ter uma participação ativa na vida profissional dela, quando diz: *“E a minha irmã canta, compõe também, então eu acompanhava muito ela assim, tipo... tocando... e aí nesse processo fui tocando com várias pessoas assim, vários grupos, entrando, saindo, entrando, saindo...”*

A relação forte entre a Alexandra, o pai, e o samba fica nítida. Além dele, o irmão e os tios também aparecem como parte desse ambiente. Assim como quando tocou a cubana, a parte profissional dentro das Escolas, para ela, também começou cedo e na sua região: *“na parte profissional assim, eu comecei nas escolas de samba, piá assim, criança. Meu pai também era dos Fidalgos [e Aristocratas], essas escolas todas... então a gente tem uma geração, meus tios,*

*enfim... então eu fui convidada pra ir pra escola ali na Imperatriz [Dona Leopoldina], onde é o meu bairro né, de origem, assim”.*

Para Biba, apesar de mencionar uma vontade na infância em tocar a bateria que seu irmão tinha, o interesse maior pelo instrumento e pelo estudo dele veio na adolescência, com as relações que estava estabelecendo: *“depois acabei namorando o Miranda<sup>7</sup>, ali pelos anos 80 [...] E aí com o Miranda eu tive um vínculo bem maior com a música. [...] E na casa dele era um ponto de encontro, assim, de bandas, de... bah, de todo mundo. Gente do cinema, gente do teatro. E ali que eu comecei a me interessar mesmo por bateria”.*

## 2.2 As dificuldades superadas

Diário de campo - Sexta-feira, 26 de março de 2021  
Em vários momentos das entrevistas percebi as regentes “sozinhas”. Alexandra sendo uma das únicas mulheres na bateria de escola de samba e sendo a primeira regente mulher do Brasil. Biba sendo uma das únicas mulheres bateristas do Brasil nos anos 80 e criando o primeiro grupo só de mulheres de POA. Lívia e Biba assumiram o papel de regência nos grupos por não ter nenhuma outra mulher que faria a função. Além da “solidão”, percebi muito nelas uma característica de “ir lá e fazer”. “Meter a cara” mesmo. A Lívia traz muito esse ponto ao longo da conversa, sobre ser uma pessoa que sempre aprendeu pra ensinar, sempre disse que ia conseguir, sempre ir lá e fazer.

Apesar da inserção no meio musical já ter começado dentro de suas casas, a decisão de seguir os estudos ou começar uma carreira não foi isenta de dúvidas e obstáculos. Medos, indecisões e questões financeiras apareceram nas três entrevistas quando perguntei sobre esse início de carreira. Biba cursava a faculdade de História na PUC-RS quando decidiu que a bateria seria sua profissão. Além da questão de abandonar um curso para ser musicista – profissão vista como mais boêmia ou gandaia, segundo ela – ainda existia a questão de gênero por trás do instrumento:

*Biba: e o que que aconteceu aqui na família: eu tinha muito medo de contar pro meu pai e pra minha mãe, que não era nada... normal, né? Largar uma faculdade pra ser baterista ainda, né? [...] Aí eu lembro várias vezes, assim, na sala, tinha uma rede que meu pai deixava sempre, né. Ficava na rede, lendo... meu pai era psicólogo, a mãe também. Então eu me lembro, assim, de ter sentado do lado da rede “tá, agora eu vou contar, agora eu vou...”, daí saía. Sentava de novo “tá, agora eu vou contar, agora eu vou contar... não, não vou contar”. Até que um dia saiu. Aquelas coisas que te dá agonia assim, que tu não consegue falar, que tu acha “meu deus... o que que vai acontecer? Que que ele vai dizer?”. Eu tinha muito medo. Mas foi muito de boas,*

<sup>7</sup> Carlos Eduardo Miranda, mais conhecido como Miranda, foi um importante produtor musical. Nascido em Porto Alegre, se mudou para São Paulo nos anos 80 e criou selos para lançar artistas fora do eixo Rio-SP.

*assim, muito de boas. [...] Mas enfim, tem o lance, sim, da bateria ser um instrumento que era considerado um instrumento de homem, também. Pra homem tocar.*

A ausência de mulheres na bateria das Escolas de Samba também fez com que a Alexandra tivesse receios no início, como ela descreve: *“E na verdade num primeiro momento eu até tive medo assim de ir [fazer o teste para entrar para a bateria da Escola] e eu voltei. Meu pai foi com meu irmão e eu voltei. Depois eu fiquei estudando assim um pouquinho pra retomar, né? Porque na época não tinha mulher”*. Pelo que conta, a construção da sua identidade também foi cercada por obstáculos que, muitas vezes, ela nem compreendia:

*Ale: Eu sofri... Na época eu nem tinha assim uma orientação [sexual], nem sabia o que que era orientação de hoje que tá bem claro, graças a deus, pra juventude. Então fui chamada de muita coisa, e nem eu sabia o que que [eu] era, entende? Eu queria era tocar. E as coisas que meu pai falou, “ó filha, vou te dizer o certo e errado, pode ir”. Então eu fui pra tocar, pra me divertir na Escola de Samba do meu bairro, né? E as pessoas me chamavam de machorra, me chamavam de muita coisa, coisas horríveis assim, sabe? E eu nem sabia o que que eu era, na verdade eu tava me descobrindo enquanto pessoa, né, me afirmando... e fui, fui, fui buscando. E fiquei...*

Diário de campo - Sexta-feira, 26 de março de 2021

Agora aqui escrevendo e lembrando do que elas contaram, penso que “transgredir” seja um verbo mais adequado para usar em relação a elas. Também me remete mais à ação e a esse “meter a cara” que falei. Transgredir no sentido de ultrapassaram lugares e expectativas que se tem sobre as mulheres, no sentido de estarem em trabalhos e áreas majoritariamente masculinas. “Transgredir” também consigo relacionar muito com o livro da bell hooks<sup>8</sup> (2017), e fazer uma ligação com a educação forte que as três possuem.

Os desafios para as mulheres musicistas seguirem carreira e serem respeitadas são muitos. A musicóloga Rosa Iniesta Masmano (2018) fala que “lamentavelmente, seguem vigentes muitas das ideias de gênero do final do século XIX, o que obstaculiza o desenvolvimento das mulheres na música, especialmente das regentes de orquestra” [tradução nossa] (MASMANO, 2018, p. 66). Durante a entrevista, a Ale fala várias vezes em como foi difícil começar a tocar dentro da Escola, mas, também, o quanto é difícil de se manter ali:

*Ale: Saí o primeiro ano [como Mestre de bateria com] com 150 pessoas, a maioria homens, ao meu comando. E eu tinha que mostrar se eu sabia tocar ou não.*

*Julia: quando tu já tava de mestra ali na bateria a maioria era homem ainda?*

<sup>8</sup> “Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade”, livro escrito por bell hooks, que reúne ensaios reflexivos sobre a educação, suas funções e suas possibilidades.

*Ale: a maioria, a maioria era homens. Tipo assim: eu sei nos dedos contar quantas mulheres tinham. Eu sei contar quantas tinham.*

O início da carreira da Biba, na década de 1980, também foi solitário e em ambientes majoritariamente masculinos, como ela diz: *“Tanto é que quando eu comecei a tocar eu fui uma das primeiras [bateristas], assim... Me lembro da Gata, do “Mulher do Burro” ... não me lembro de mais nenhuma. Vera Figueiredo, em São Paulo... Mas assim, ó, é contar na mão, né, quantas mulheres tocavam”*. Quando pergunto se essa questão de ser mulher e ser baterista já existia desde lá, ou se ela tem consciência apenas hoje em dia, ela responde:

*Biba: não, desde lá. Desde lá porque não tinha ninguém. E porque era uma coisa muito, muito, muito falada: cada vez que eu entrava no palco, cada vez que eu saía do palco, que as pessoas vinham falar comigo: “nossa!!!! Uma mulher na bateria!!!”, “nossa!!! Toca que nem homem!!!”, “nossa!!! Toca melhor que muito homem!!!”, “nossa!!! Que nem homem!!!”, “nossa, uma mulher na bateria!!!”, “noooooossa...”. Isso aqui eu ouvia assim, ó, bah, era assim... direto, direto. Eu saía do palco eu ouvia isso, sempre, sempre, sempre. É uma coisa bem maluca isso, né?*

Para Lívía, a dificuldade financeira foi o motivador para começar a dar aulas de música onde morava. Começou a trabalhar durante a adolescência, mesmo não tendo muito conhecimento sobre o instrumento que iria dar aula:

*Lívía: Daí enfim, eu sou duma família meio ferrada de dinheiro. Aí eu era adolescente e precisava de dinheiro pra dar os meus rolês assim, e aí eu comecei a botar uns anúncios assim no condomínio que eu morava pra pegar uns alunos de violão. [...] Devia ter uns 15 anos mais ou menos. E eu comecei assim, dando aula de violão, e aí fui meio que aprendendo assim também porque eu não sabia tocar muito, sabia muito o básico e as pessoas foram demandando outras coisas e eu ia estudando pra ensinar assim. Daí depois as pessoas começaram a me indicar pra escolas e coisas, daí eu fui dando aula em projetos assim, aí já devia ter uns 18 anos.*

Logo nos primeiros minutos da entrevista Lívía me falou sobre esse início e, desde ali, já pude perceber nela uma característica muito forte de se virar sozinha quando é preciso. Conta que estudou alguns anos no conservatório da OSPA<sup>9</sup>, ainda adolescente, muito em função dessa *“necessidade de aprender pra poder trabalhar, pra poder ensinar, assim”*. A questão financeira surgiu em diversos momentos da nossa conversa, também como um obstáculo para os seus próprios aprendizados, visto que pagar por cursos e aulas não é uma tarefa fácil. Mesmo assim, nunca desistiu dos estudos:

*Lívía: e aí a escola fechou porque entrou o governo da Yeda [Crusius], e foi bem na época que a escola da OSPA fechou, daí eu saí porque fechou. Aí eu fui lá pra EST<sup>10</sup>, fazer o técnico em música lá, mas aí não tive grana pra pagar. Fiz sei, lá, um semestre*

<sup>9</sup> Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

<sup>10</sup> A Escola Superior de Teologia (EST), hoje Faculdades EST, possui um curso técnico em música desde o final dos anos 80, em São Leopoldo, RS.

*e logo saí assim. E aí segui só estudando por conta assim, por conta, por conta, o que eu consegui até onde eu consegui ir assim.*

### 2.3 É necessário pulsar para transgredir

Diário de campo - Sexta-feira, 26 de março de 2021

O "relacionar" e o "transgredir" podem estar ligados por uma questão cronológica. As famílias e os espaços mais solitários aparecem, majoritariamente, no início das entrevistas. Os primeiros momentos das carreiras me pareceram ser muito transgressores (a Alexandra no samba, a Biba na bateria, a Lívia "metendo a cara" em tudo). Os incentivos da família e as barreiras delas também são importantes. Claro que as relações e as transgressões perpassam as entrevistas até o fim.

É necessária muita força para conseguirmos ir além dos lugares que são, socialmente, construídos para estarmos. É necessária muita força para que as mulheres consigam chegar em lugares de liderança e de destaque. Os desafios e os obstáculos ao longo da vida não são iguais para todas as pessoas. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2015) afirma que

Existem mais mulheres do que homens no mundo – 52% da população mundial é feminina –, mas os cargos de poder e prestígio são ocupados pelos homens. A já falecida queniana Wangari Maathai, ganhadora do prêmio Nobel da Paz, se expressou muito bem quando disse que quanto mais perto do topo chegamos, menos mulheres encontramos. (ADICHIE, 2015, p. 20).

Muitas vezes essa força se mostra na forma como encaramos os desafios: seguindo em frente, indo em busca de mais, quebrando as barreiras. Para Lívia, "meter a cara" parece ser uma característica importante e decisiva diante das situações que aparecem. Ao falar do início da sua carreira como professora e da sua iniciação no mundo percussivo, ela diz que "porque eu era meio... só metia a cara assim, tipo: 'ah, tu pode dar aula de percussão?' 'claro que eu posso dar aula de percussão, né?' 'Como não?! Óbvio que posso!'" [risadas] Daí eu chegava em casa e bah, estudava, estudava, estudava, e ia dar aula assim".

Apesar de enfrentar os desafios dessa forma e de sua característica de seguir em frente, ela reconhece a singularidade dessas características em uma mulher:

*Lívia: porque, né... fui criada um pouco desse jeito assim. Tipo, bah, tu quer fazer, vai lá e faz, entendeu? Tá, qual é a dificuldade? Quer tocar, vai lá e toca, tenta... se não rolar, não rolou, sabe? Nunca fui uma pessoa nem... nunca fui uma pessoa muito tímida nesse sentido assim, sabe? De tipo... de tá errado, ou... e acho que isso é... é atípico, né? Se tratando do meu gênero, assim, isso é atípico, né? Claro que eu me sinto mais acanhada em grupos mistos, assim...*



São muito fortes, durante as entrevistas, aqueles momentos em que as três descrevem situações que tiveram que *ir*, mesmo sem saber muito como ou para onde estavam indo. Me pareceram sempre situações decisivas, impulsos de se colocarem onde queriam, da forma que conseguiam, e, assim, foram conquistando seus próprios espaços. Sobre o início da sua carreira como baterista, a Biba disse:

*Biba: Mas assim ó, já meti a cara, já fui tocando com banda sem s... sem saber não! Né? Eu acho meio... meio... eu não concordo com essas coisas “ah tu sabe tocar bem, tu sabe tocar mal”. Não... eu tocava, né, do meu jeito ali, o que eu já tinha conhecimento. E isso foi muito bacana porque daí a partir disso eu comecei a entrar em trocentas mil bandas, assim, eu tinha realmente várias bandas no começo.*

Os estereótipos em cima das figuras dos homens e das mulheres dentro da nossa sociedade branca, colonial e patriarcal, foram construídos ao longo de muitos anos. A historiadora brasileira Margareth Rago (2012), explicando a perspectiva da historiadora estadunidense Joan Scott (1991), nos diz que:

Para ela [Joan Scott], o discurso masculino, que estabeleceu a inferioridade física e mental das mulheres, que definiu a partilha “*aos homens, a madeira e os metais*” e “*às mulheres, a família e o tecido*” provocou “uma divisão sexual de mão-de-obra no mercado de trabalho, reunindo as mulheres em certos empregos, substituindo-as sempre por baixo de uma hierarquia profissional, e estabelecendo seus salários em níveis insuficientes para sua subsistência.” (RAGO, 2012, p. 7).

Trazendo essa perspectiva para dentro da regência, os estigmas e os desafios para as mulheres são inúmeros. Assumir a posição de liderança e destaque dentro de uma orquestra, Escola de Samba ou bloco de carnaval, ainda parece ser para poucas. Como pontua Masmano:

A função arquetípica do maestro-diretor é a essência ativa sobre a qual recai o conjunto de mitos sociais musicais de gênero que interessam o campo da direção orquestral, no qual, ver uma mulher dirigindo, resulta em uma provocação, um disparo no coração das ideias patriarcais vigentes, especialmente no que diz respeito à ideia de submissão (MASMANO, 2011, p. 6). [tradução nossa].

Penso que a ideia de submissão e a ideia de transgredir estão intimamente ligadas. Justamente do submisso se espera silêncio, se espera acomodação e se espera obediência. Falar, ir além do esperado e desobedecer às ordens vigentes são atitudes transgressoras. Fica claro, ao conversar com cada regente, o quanto elas só estão onde estão hoje, porque transgrediram seus espaços e seus limites. A Ale, contando como se colocou pela primeira vez à frente de uma bateria na sua Escola, resume bem o que eu quero dizer:

*Ale: Aí eu pensei “bah, por que não eu fazer isso?” [ser mestra]. Daí uma vez eu também falei pra ele [o mestre] que eu sabia comandar a bateria, só que eu não sabia ainda o que significa as ponteiras, as coisas... Eu sabia tudo que ele fazia, mas não enten... aí também mandou “ah”, parou a bateria, sempre num dia assim, de muita gente, né? Que os ensaios viraram a noite, né? E eu fazia assim, os sinais, era quando*

virava a bateria. “[suspiro surpreso] – ele dizia - eu criei um monstro”, daí ele dizia assim “tu é eu... tu é que nem eu, só que usa saia!”, ele dizia assim, sabe? Sempre me apoiou [...] daí eu comecei a estudar, tocar, enfim. Todos os instrumentos.

É evidente que sem os impulsos e os pulsos, a transgressão não acontece. A vontade ou a necessidade de estar ali, naquele lugar, naquela hora, fazendo o que se faz, é o que possibilita transgredir. É pulsar o tempo inteiro, para transgredir o tempo inteiro. Como me disse a Ale: “Na minha família eu sou a primeira pessoa a ter uma graduação, e eu penso assim: a minha paixão vai além de tudo isso, sabe?”

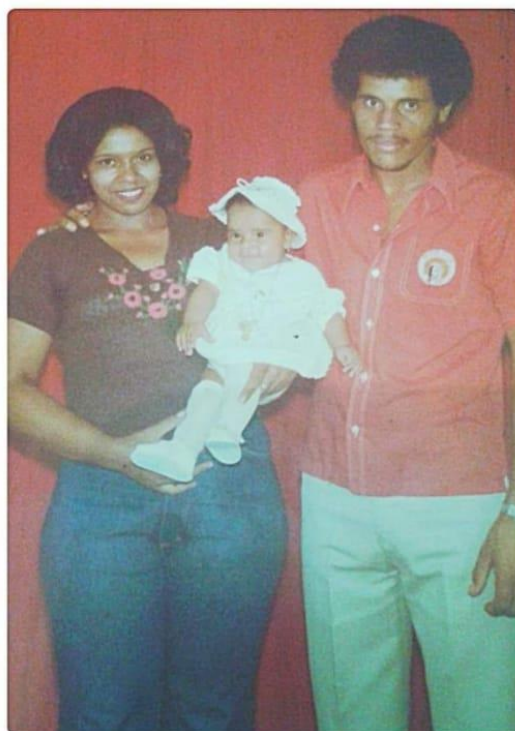


Imagem 13: Alexandra com a mãe e o pai.



Imagem 14: Alexandra na sua formatura no IPA, em 2008.



Imagem 15: Biba, embaixo para o lado esquerdo, com a família em 1975.

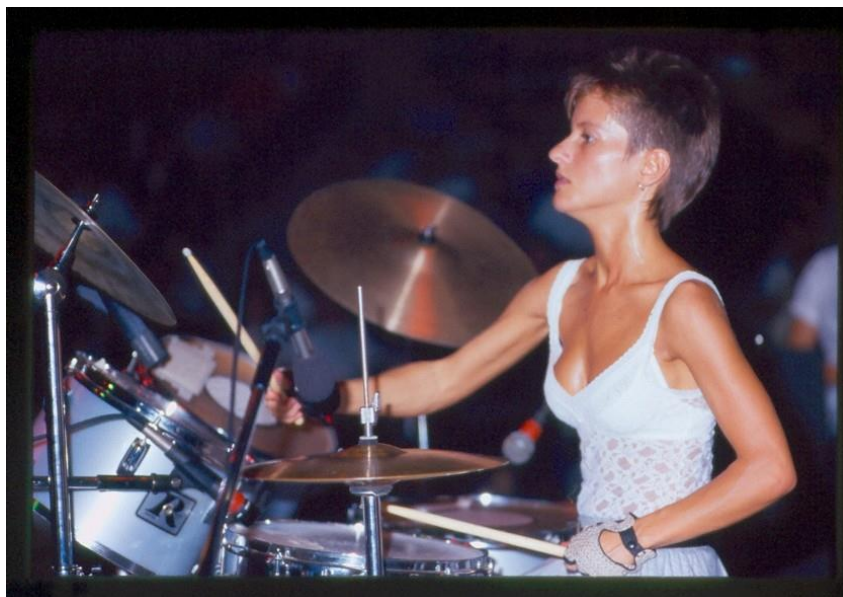


Imagem 16: Biba tocando bateria no ano de 1988.



Imagem 17: Lívia (no meio, de preto) com a família.



Imagem 18: Lívia tocando violão com o grupo Avoa, em 2018.

## Capítulo 3 – EDUCAR E REGER

*EDUCAR – dar a (alguém) todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento de sua personalidade; transmitir saber a; dar ensino a; instruir.*

*REGER – dirigir como regente; desempenhar a função de maestro exercer a função de professor em sala de aula; ter sob sua responsabilidade.*

### 3.1 Elas são professoras

Diário de campo – Segunda-feira, 19 de abril de 2021  
 A questão da educação foi surgindo muito naturalmente para esta pesquisa. O foco inicial da regência em si era o que unia as três mulheres pesquisadas, era o ponto em comum que eu tinha conhecimento sobre elas. A entrevista da Livia foi a primeira e, portanto, a que eu fui com a regência como ponto norteador total. Ela também, das três, era a que eu menos conhecia, então várias coisas ali que ela me disse eu não tinha a menor ideia. O ponto que mais me chamou atenção foi justamente o quanto a educação apareceu nas suas falas, o quanto ela ser professora era e é uma parte grande da sua carreira e da sua relação com a música desde a adolescência.

Chama a atenção ao longo das entrevistas o quanto cada uma das regentes relata várias atividades que fez ou faz parte. Bandas e pessoas com as quais tocaram, projetos que tinham participado, cursos que tinham feito. Aulas, muitas aulas. As carreiras como instrumentistas sempre estiveram acompanhadas das carreiras como professoras, se é que se pode separar essas duas áreas aqui. O estudo está presente em todas as conversas: desde o estudo próprio de cada uma, para se desenvolver nos seus instrumentos, até elas como professoras, passando conhecimentos adiante.

Como contei no capítulo anterior, a Livia já começou a carreira dando aulas de violão, por volta dos 15 anos e, justamente como professora, que se aproximou da percussão. Ela sempre enfatiza o quanto, além de ensinar, seguiu os anos tentando aprender e estudar para si o que conseguia na flauta, no violão, no cavaco e na percussão. Para si, no sentido de não estar estudando para ensinar alguém depois, necessariamente, mas sim pelo seu próprio interesse como pessoa e musicista, momentos de estudo para seu próprio prazer e necessidade:

*Livia: E aí foi aí que eu comecei a me aproximar da percussão também tipo, de estudar estrutura de banda marcial, que que eles faziam, qual era a célula de cada instrumento, como que aquilo se encaixava... E conversando com meu pai também, que meu pai foi ritmista um tempo do Salgueiro e tal, quando a gente morava no Rio... então tinha também, mais ou menos, uma noção assim do que que tava acontecendo assim na estrutura... nas estruturas percussivas assim das músicas. E foi mais ou menos assim, tipo meio que correndo atrás pra ensinar. E aí depois, agora mais*



*recente, tentando um pouco... “tá, agora vou aprender pra mim em vez de aprender pra ensinar alguém”, sabe? Porque senão tu fica, também, muito limitada, né?*



Imagem 19: Livia tocando flauta transversal com o grupo Avoa, em 2018.

A Biba, ao mesmo tempo que se jogou em várias bandas no início da carreira, já começou a ensinar. Quando perguntei desde quando ela dava aulas, ela disse que *“de bateria faz muito, muito tempo. Acho que eu meti a cara logo depois assim de eu... nos anos 90 já. Talvez fim de 80. Pra aula de bateria, que eu me sentia bem à vontade pra ensinar”*. Ela também enfatiza o quanto, ao longo da carreira, os próprios estudos sempre foram importantes e o quanto ela sempre investiu nisso: *“Então eu sempre tive assim, vários professores, fiz vários cursos... lembro de ter ido pra Londrina fazer curso, São Paulo, Rio de Janeiro... sempre que eu ia pra uma cidade viajar eu sempre aproveitava pra fazer algum curso de percussão ou de bateria mesmo”*.

Durante minha conversa com a Ale pude perceber o quanto a paixão dela pela bateria da Escola de Samba e os instrumentos foram o combustível para que ela sempre estudasse muito. O “pulsar” e o “educar” andando juntos:

*Ale: É isso que me... que me deixa bem feliz, assim. É isso. Eu tenho uma paixão, cara. Tu vai perguntar pra mim, a minha maior paixão é a bateria da Escola de Samba, cara. Eu vivo isso, eu respiro isso, meu, dia e noite. Aqui às vezes a Ana, aqui, minha mulher, ela fica... tá eu ali olhando... desfile de carnaval. Ela gosta de ver a comissão de frente, e eu gos... e eu vejo a bateria, vou olhando e vou olhando... e samba-enredo... eu estudo muito. Vivo, respiro música.*

Ao mesmo tempo que a paixão e o estudo foram se somando, o estudo dela passou a contribuir com outras pessoas, quando ela vai se tornando referência e ensinando outros ritmistas. Ela conta: “E... depois, quando eu comecei a pegar gosto e... daí eu, meu deus assim, “eu quero fazer isso”, sabe? E eu ia pra casa, botava o toca-disco ali, e ficava... escutando os sambas-enredo pra fazer as frases de tamborim e chegar lá e passar pro pessoal”.

Indicada pela Profa. Luciana Prass, começou a trabalhar na Orquestra Villa-Lobos<sup>11</sup> quando abriram vagas para educadores populares. Apesar de já trabalhar como educadora em outros espaços – inclusive transmitindo seus conhecimentos dentro da Escola de Samba –, foi ali a primeira vez que foi chamada de “professora”:

*Ale: “eu, professora!?” , até falei pra ela [Luciana Prass]. “É, Ale”. “Eu?”, tipo... “eu!?” , sabe? Alguém me chamar de “sora”. E foi a primeira vez que alguém me chamou de professora, cara, na minha vida, foi lá na Orquestra Villa-Lobos. Isso em... bah, agora tu me pegou. 2004 eu acho, por aí, que foi.*

Em 2005, como uma sugestão da Cecília Rheingantz – fundadora e regente da Orquestra Villa-Lobos –, ingressou para o curso de Licenciatura em Música no IPA, faculdade essa que também foi cursada e concluída pela Biba, pouco tempo depois. Segundo ela, foi a partir dali que se sentiu apta a lecionar em escolas:

*Biba: E aí quando eu entrei pro IPA foi que eu realmente me senti em condições assim: “tá, agora eu vou largar currículo em escolas”. Daí fui pra educação infantil, que eu adoro criança. Adoooro dar aula pra criança. E tipo assim, ia em tudo que é escola mesmo, largava currículo, largava... fui largando, daí foram me chamando em escola infantil, e... aí eu fui me fixando em algumas. No começo eu dava aula pra... sei lá, tinha 6, 7 escolas, porque a educação infantil ela é muito mal paga, né? Eu não tinha nada de salário, carteira assinada.*

Acredito que minha mãe tenha se formado no IPA por volta de 2009, quando eu tinha 14 anos. Começamos a falar sobre essa época que ela cursava a faculdade e eu logo lembrei que ela não parava em casa: durante o dia eram muitas escolas que ela dava aula e, durante a noite, as aulas da universidade. Lembro dela super cansada, de tanto trabalhar e estudar. Chegava em casa cheia de sacolas, com instrumentos pequenos e materiais das aulas. Apesar de ela gostar muito do convívio com as crianças, é inegável que ter turmas infantis pode ser muito cansativo. Lembro de perguntar se era necessário dar aula em tantas escolas, e ela me responder que o salário de cada uma era muito baixo sozinho: era justamente o volume de tantos empregos que fazia o salário ser suficiente.

---

<sup>11</sup> A Orquestra Villa-Lobos é um projeto que existe há mais de 20 anos dentro do contexto da Escola Municipal Heitor Villa-Lobos, localizada na Lomba do Pinheiro, bairro de perfil popular de Porto Alegre. A Orquestra tornou-se uma “escola” de música à parte e já formou inúmeros musicistas que seguiram na profissão e nos estudos universitários.



Imagem 20: Biba dando aula na escola infantil Amiguinhos da Praça, em 2001.

Conversando com a Lívia e com a Ale pude perceber o quanto elas, também, sempre tiveram muitas atividades ao mesmo tempo. A Ale falou sobre a dificuldade de se conseguir emprego após formada, mas que conseguiu ser contratada depois de fazer uma oficina de percussão corporal em uma escola e ficou lá por quatro anos. Depois entrou para a rede Marista e, como ela diz, sempre trabalhou nas comunidades carentes: *“Trabalhei na FASE, lá em Santo Antônio da Patrulha, também com percussão, na Vila dos Papeleiros... agora eu tô na Vila Planetário também... então, sempre nessas comunidades, né?”*. Ale, também, é professora da APAE<sup>12</sup> Porto Alegre há mais de sete anos.



Imagem 21: Ale em apresentação da APAE.

<sup>12</sup> A APAE é um centro de prestação de serviços em defesa do direito da pessoa com deficiência intelectual e múltipla.



A Lívia também fala o quanto sempre teve uma vida com vários empregos: “*Mas foi mais ou menos isso assim, e aí depois fui trabalhando em escola, escola, sempre uma pessoa indicando pra outra*”. A dificuldade financeira sempre foi uma questão e, mesmo tendo experiência e fazendo um bom trabalho, a desvalorização da educação musical parece estar dificultando ainda mais a vida profissional e o sustento:

*Lívia: É, já dei aula em escola de música, já dei aula em colégio público, via projeto... Ah... dei aula em escola particular, daí contratação. E agora trabalho em escola particular. Quer dizer, agora praticamente não trabalho, porque ninguém tem mais dinheiro pra pagar professor de música, né?[...] É uma realidade... ahã... bah, fui demitida de uma escola faz duas semanas, assim... com esse argumento: “bah a gente curte muito teu trabalho, mas não tem mais... infelizmente não tem mais como manter assim...”*

A dificuldade de manter um salário fixo e equilibrado é uma realidade para as três regentes. Muitas vezes, nem mesmo essa grande quantidade de trabalhos é suficiente para ter uma tranquilidade financeira. Ir em busca de novas possibilidades parece ser constante, como me disse a Lívia: “*isso é uma merda, né, guria? Cada vez mais tô tendo que tocar super na noite pra conseguir dar conta de pagar as contas, assim, porque... tá difícil, né?*”.

Quando questiono Biba o porquê de começar a dar aulas – aquelas particulares de bateria lá no início da carreira – a resposta foi, justamente, a necessidade. É interessante perceber que, da mesma forma que a Lívia fala de tocar na noite para se sustentar, a Biba fala em dar aulas porque fazer shows não é uma atividade estável:

*Biba: talvez por uma necessidade, não por gostar “ah, eu quero ser professora de bateria”. Porque é aquilo, né, músico na verdade tem que se virar. Tu não pode acreditar só na tua carreira porque ela pode vir por água abaixo numa hora pra outra, ou tu pode nunca conseguir te sustentar, né? O que é perfeitamente possível. Aliás, é o que acontece, né? Então a gente tem que se virar sempre, tipo se virar nos 30. Só que daí eu comecei a pegar o gosto de dar aula. Eu adoro dar aula, adoro. E acho isso muito importante assim que... pra tu te tornar um bom professor, tu tem que gostar do que tu tá fazendo, se não... se não já era.*

Essa luta constante pelos seus sustentos diários e por uma possível estabilidade, tange a vida das três regentes o tempo todo. Parece ser impossível alcançar um salário fixo e confortável sem ter que se dividir em muitas atividades ao mesmo tempo. A desvalorização da educação, estampada pelos baixos salários das professoras, é uma questão essencial. Em tempos como o que vivemos hoje, com uma crise educacional profunda no Brasil – ainda mais escancarada pela pandemia da COVID-19 – e com intervenções nas universidades, o debate sobre o assunto é urgente.

Eliane Leite, diretora da escola estadual ETEC Pirituba, da cidade de São Paulo, foi eleita “educadora do ano” pelo Prêmio Mulheres que Transformam, da XP Inc, em 2021. Ela

pontua que: “Se a gente quiser um País mais justo e igualitário, é pela educação, não tem outro caminho. E daí que nascem as oportunidades, o conhecimento para que não tenhamos, por exemplo, o negacionismo, a negação da Ciência. A escola colabora com todo esse processo” (BASILIO, 2021). Por mais dura a caminhada das professoras, a paixão pela educação segue viva. Como me disse a Biba: “*Se tu me perguntasse hoje: ‘ah... tu quer ser professora das Batucas, ou tu quer ser regente?’ Eu prefiro ficar ensinado*”.

### 3.2 Elas são regentes

Diário de campo - Segunda-feira, 19 de abril de 2021

A regência, para as três, não era algo que tinham em mente desde sempre como uma profissão possível. Biba e Lívia menos ainda que Aleksandra. Esta última, acho também que por crescer na Escola de Samba que tem sempre um mestre à frente da bateria, foi a única que, em um certo momento, começou a cogitar estar naquele lugar e executar a função. Biba e Lívia, como dizem, praticamente caíram na regência no susto mesmo.

Quando comecei a pensar sobre essa pesquisa, ligada a mulheres regentes, ainda em 2019, como bolsista de Iniciação Científica da Profa. Marília Stein, me deparei com o maior desafio dela logo no início: encontrar materiais sobre o assunto. Livros, teses, artigos, reportagens, dados. Qualquer material que falasse sobre o assunto eu estava interessada. Com a dificuldade de achar esses materiais, minha vontade de escrever sobre o tema só foi aumentando: a essa altura, já tinha consciência de que essas mulheres existiam, mas eram invisibilizadas. Tinha consciência, também, de que talvez fossem poucas e, justamente por isso, eram extremamente importantes. Elas ocuparem esses lugares e eu falar sobre elas poderia ser uma forma de impulsionar outras mulheres a também os ocuparem.

Duas vivências, ambas durante o ano de 2019, foram decisivas para eu dar continuidade neste trabalho. A primeira foi ter cursado a cadeira de Música e Gênero, ministrada pela Profa. Isabel Nogueira. Durante a cadeira li o artigo “A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais” (2018). Encontrei ali, pela primeira vez colocadas em palavras, razões importantes pelas quais eu estava querendo estudar essas três mulheres e, mais do que isso, encontrei ali companheiras para o caminho que viria pela frente. Uma das frases que mais me marcou – logo após uma lista de grupos de pesquisas acadêmicos dedicados à música e gênero no Brasil – foi: “localizamos em todos estes exemplos o objetivo de audibilizar, visibilizar,

pesquisar e reconhecer mulheres, outras populações historicamente excluídas e questões e relações de gênero na música” (ZERBINATTI, 2018, p. 6).

Também durante a cadeira de Música e Gênero, conheci autoras como Grada Kilomba – artista interdisciplinar, escritora e teórica, nascida em Portugal – e María Lugones – socióloga e ativista feminista, nascida na Argentina. Foi com os artigos e palestras delas que compreendi que estamos dentro de uma cultura colonial, como diz Lugones:

Uso o termo colonialidade para nomear não apenas uma forma de classificar pessoas através de uma colonialidade do poder e dos gêneros, mas também para pensar sobre o processo ativo de redução das pessoas, a desumanização que as qualificam para a classificação, o processo de subjetivação, a tentativa de transformar o colonizado em menos que humano. Aqui existe um contraste forte com o processo de conversão que constitui a missão evangelizadora cristã. (LUGONES, 2019, pg. 361)

Para a autora:

Decolonizar os gêneros é necessariamente uma práxis. Trata-se de transformar uma crítica de opressão de gênero - racializada, colonial, capitalista e heterossexista - em uma mudança viva da sociedade; colocar o teórico no meio das pessoas em um entendimento histórico, humano, subjetivo/intersubjetivo da relação oprimir - resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão. (LUGONES, 2019, pg. 363)

A segunda vivência aconteceu em Buenos Aires, enquanto visitava a Yaskara, minha namorada, no seu intercâmbio. Em um dia de passeio fomos até a *Librería de Mujeres* (Livraria de Mulheres). Perguntei para a vendedora se elas tinham livros relacionados à música e ela se dirigiu para a estante das artes para verificar. A atendente me entregou o único livro relacionado com música que elas tinham e li o título: “*Música, mujeres y educación: Composición, investigación y docencia*”. Pensei para mim que ali não teria nada que pudesse me ajudar na pesquisa, mas resolvi dar uma olhada mesmo assim. Primeiro capítulo, nada... Segundo capítulo... Terceiro capítulo, nada... Quarto capítulo... Quinto capítulo, e ali estava: “*Directoras de orquesta: invisibilidad versus motivación*” (2018). Comprei o livro imediatamente e mal podia acreditar que no único livro sobre música da loja tinha um artigo com o tema do meu trabalho. A autora do texto, Rosa Iniesta Masmano, acabou se tornando minha maior referência e, em um artigo seu de 2011, escreve o seguinte:

Na década de 1980, o instituto da Mulher [de Valência, na Espanha] criou um poster no qual uma menina de uns dez anos, em cima de um palquinho e com uma batuta na mão, lançava seus braços sorrindo para começar a dirigir [a orquestra]. Embaixo da imagem podíamos ler: “Não limite seu futuro. És uma mulher do século XXI”. A imagem incitava a pensar que as mulheres deixariam de ter obstáculos para desenvolver sua profissão musical no âmbito da direção orquestral, mas, infelizmente, nesse momento, na Espanha não existe nenhuma Diretora Titular em nenhuma grande orquestra sinfônica (MASMANO, 2011, p. 3). [tradução nossa].

Apesar de suas referências e dados serem, em sua maioria, do território europeu, é possível adaptá-las para o Brasil: tiramos a menina do pôster de cima do seu palquinho e colocamos ela no meio da Sapucaí<sup>13</sup>; substituímos a batuta e, em seu lugar, ela segura um apito; roupa colorida, com o nome de alguma Escola de Samba estampada. É o figurino da mestra-mirim na propaganda e embaixo escrito: “não limite seu futuro. És uma mulher do século XXI”. Poderia ser um pôster que incentivasse mais meninas a seguirem a profissão. Mas incentivador, mesmo, seria se as meninas que fossem assistir aos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro vissem, em carne e osso, mulheres à frente das baterias. A realidade, infelizmente, é outra: no ano de 2020, das 13 escolas do grupo principal, todas as baterias tinham um homem com o apito na mão.

Para termos uma noção, atualmente o carnaval carioca possui seis divisões: o grupo principal e as séries A, B, C, D e E. Somando cada uma delas, temos em torno de 65 Escolas de Samba participando de um dos maiores eventos culturais do país. Foi apenas no ano de 2019 que alguns jornais destacaram a primeira mulher à frente de uma bateria no carnaval do Rio de Janeiro: Thaís Rodrigues, aos 30 anos, assumia a bateria da Feitiço do Rio, que desfilaria pela série E do carnaval. Apesar do destaque e da importante atuação da jovem mestra, o primeiro registro que se tem de uma mulher mestra no maior carnaval do Brasil é de Helen Maria: comandou a bateria da Unidos do Uraiti, também pela série E, do ano de 2009 até o ano de 2011, e depois atuou na União de Vaz Lobo.



Imagem 22: Mestra Thaís Rodrigues. Foto: Claudio Mello Cholodovskis

---

<sup>13</sup> O Sambódromo da Marquês de Sapucaí, localizado na cidade do Rio de Janeiro, foi criado na década de 1980 e é, até hoje, onde ocorre o principal desfile de Escolas de Samba do Brasil.



Imagem 23: Mestra Helen Maria, na Unidos do Uraiti.

A situação do carnaval de Porto Alegre não é muito diferente do Rio de Janeiro. No carnaval de 2020, no Porto Seco, 24 Escolas desfilaram, divididas entre as séries ouro, prata e bronze. Durante as duas noites de desfile, todas as baterias desfilaram sob o apito de homens. Apesar das similaridades, há 18 anos atrás – antes mesmo de Helen Maria ser mestra na cidade carioca – Alexandra Amaral era batizada mestra de bateria em Porto Alegre. A invisibilidade desse marco importantíssimo não se deve apenas ao fato de Alexandra ser mulher, mas, segundo ela, o fato de ser em Porto Alegre – e não nos polos econômicos do país, como Rio de Janeiro e São Paulo – também dificulta o seu destaque:

*Ale: Em 2003 eu assumi a bateria dos Fidalgos [e Aristocratas], com muito medo, assim, mas fui. Teve o batizado, com vários mestres, com várias baterias, né? A Lu [Prass] estava presente até, na época, também, foi aonde nos conhecemos, e... a partir... era um sonho que eu tinha, sabe? De ser a mestra de bateria, de poder provar que as mulheres também podem. Mas, o sonho foi... foi muito bom o sonho, mas manter também não era fácil. [...]*

*Ale: até o Claudio Brito <sup>14</sup>fala: 'Primeira mulher mestra de bateria no Brasil é Alexandra Amaral'. Então, dos registros, né? Mas só que como a gente mora no Sul, não explode as coisas, né? Enfim...*

---

<sup>14</sup> Cláudio José Silveira Brito é radialista e jornalista, com mais de 50 anos de atuação no grupo RBS.



Imagem 24: Alexandra à frente da bateria da Escola Fidalgos e Aristocratas, em 2003.

O sonho de estar comandando a percussão não existiu sempre, como me contou a Ale. Teve medo de ir pela primeira vez fazer o teste para entrar para a bateria da Escola, junto do pai e do irmão, e depois voltou sozinha para fazê-lo; não passou no primeiro teste, estudou mais e mais, e foi aceita. No início tocava tamborim e começou a se destacar no seu naipe, ao mesmo tempo que ia observando os outros instrumentos, decorando as frases, estudando, e se tornando capaz de tocá-los também. Começou a frequentar a bateria sem o desejo de ser mestra, mas a ausência de mulheres no ambiente percussivo da Escola instigou-a a transgredir para outros espaços:

*Ale: Mas eu não tinha nenhuma intenção de reger bateria, mas eu achava assim um mundo muito fantástico, mundo do samba assim, sabe? [...]*

*Julia: E o desejo de... que tu falou, né, que sempre foi um sonho de ser... de tá ali na frente da bateria, né? Mas isso veio desde antes de tu entrar pra tocar, ou isso surgiu enquanto tu tava ali dentro?*

*Ale: Não, tipo, não tinha... foi quando eu comecei a tocar, porque eu via... só tinha homens, né... daí eu penso: 'bah, por que não tem mulher?'.*

A organização social no Ocidente, construída em cima do patriarcado, colocou o homem como símbolo de força e liderança. As mulheres não só estão menos presentes no “topo”, como nos mostrou Chimamanda, como também têm dificuldades para se imaginar nele. A percussão e a regência, historicamente, possuem esse estereótipo de força e liderança. No ano de 2017, por exemplo, um estudo da Associação Mulheres na Música mostrou que 30% das orquestras

espanholas eram compostas por mulheres e que, dessas, muito poucas são percussionistas (Masmano, 2018, p. 68). Os desafios dentro da regência são muitos para as mulheres que querem se dedicar à profissão. A imagem da mulher no comando ainda é difícil de ser vista:

Dirigir uma orquestra supõe liderar e imprimir a própria personalidade ao conjunto dos músicos. A pessoa que dirige é a pessoa que interpreta a obra, capta a essência, pensa, inspira, marca o ritmo, decide se está bom ou se deve se ensaiar mais, coordena e integra as diferentes sessões instrumentais, sobe a um pódio e dá ordens que são recebidas e executadas pelo resto. A cultura patriarcal nos ensinou que as ordens quem dá são os homens e, apesar que se vão dando passinhos, as lideranças femininas ainda não estão naturalizadas (VALLS, 2017 apud MASMANO, 2018, p. 70). [tradução nossa].

Ao longo da minha infância e adolescência construí desejos e ambições para a vida adulta. Pelos personagens da televisão, as histórias dos filmes, o enredo dos livros e o que aprendia na escola, projetava o queria ser de acordo com o que achava possível dentro dessas referências que ia ganhando ao longo dos anos. Tive a sorte de crescer com minha mãe baterista – instrumento majoritariamente tocado por homens – e de poder construir em mim esse imaginário espelhado nela. Conseguia me ver baterista, musicista, nos palcos, muito porque minha mãe estava ali. Para mim não era estranha a figura da mulher naquele lugar. Fui entender, anos depois, o quanto ela estar ali segurando as baquetas era importante. Hoje, além da sua bateria, minha mãe também coordena e rege um grupo grande de mulheres que tocam percussão. Se tornou regente e, de novo, foi além do que se espera das mulheres.

Biba nem sempre foi a regente d’As Batucas. Quando criou o grupo, em 2015, nunca tinha pensado em ser regente. Nas primeiras apresentações, quem estava à frente da bateria era Vini Silva<sup>15</sup>, que trabalha na escola até hoje. É interessante perceber como a regência parece ter procurado mais a Biba do que o contrário. Quando questiono o porquê de ela não assumir a regência logo no início, ela diz:

*Biba: porque eu não me sentia em condições de abraçar sozinha. Porque eu não era regente, e nunca quis ser, na verdade. Eu fui empurrada pra regência, assim... não me considero regente. Ah... mas eu nunca tive problema, assim, de trabalhar com homem. Nenhum, nenhum. Eu sei que tem muita gente que criticava, assim, o... o fato de ser uma... um... uma orquestra feminina sendo regida por um homem. Mas acho que tudo veio no seu tempo, assim. Acho que tudo caminhou muito bem. Porque eu não teria as mínimas condições de reger ali. As mínimas, né? Eu tive um aprendizado, e tive um aprendizado com o Vini. Olhando ele, perguntando pra ele. Porque também eu nunca, tive uma referência, assim, de um regente, né, desses coletivos. Nunca... nunca tive junto de alguém, assim. Então ele foi o meu professor, foi meu espelho.*

---

<sup>15</sup> Vini Silva é músico e arte-educador. Desde 2009 integra o grupo show da Turucutá Batucada Coletiva Independente, participando de shows, gravações e apresentações no RS. Também integra o coletivo artístico Bloco da Laje, onde desempenha a função de músico e de diretor musical. É professor n’As Batucas desde a criação do grupo, em 2015.



*Biba: Mas foi isso, foi esse processo aí. Não foi uma coisa de escolha, é isso que eu gosto de deixar claro, né?*

Uma das suas principais características como baterista sempre foi o improviso, e ela destaca bastante isso durante as falas. O improviso, de certa forma, proporciona uma liberdade dentro das músicas que a regência – pelo menos n’As Batucas – não possibilita. Além do improviso, outra característica sua é ser distraída. Somando tudo, para ela, um grande desafio da regência é o foco. Mesmo precisando superar os receios e obstáculos para assumir a função, hoje ela se considera regente:

*Biba: Tipo assim, pegar um Vila Flores<sup>16</sup>, pra mim, por exemplo... meu deus do céu. Aquilo ali... é... é um baita desafio. Porque acho assim, ó... o regente ele tem que tá prestando atenção. Eu sou uma pessoa desligada. Muito desligada. Então o regente tem que tá ali, né, sabendo o que que tá acontecendo, barará... tem que realmente estar regendo. Isso, pra mim, eu sentia muita dificuldade e sinto até hoje, assim, né? Óbvio que eu tô... muito mais preparada, né? Hoje eu já me sinto uma regente, com certeza. O que eu não me sentia era antes, ali no começo das Batucas, que eu não... eu não me animava, assim, né. Fazia na sala de aula com certeza. Sala de aula desde o começo assim, coordenava e regia na sala de aula. Mas ao vivo assim eu achava muita responsabilidade. Mas isso durou pouco tempo, acho que depois de um ano eu passei a reger já. [...]*



Imagem 25: Biba regendo As Batucas, no carnaval em 2018.

Assim como procurou a Biba, a regência também parece ter procurado a Livia. Fiquei surpresa durante a entrevista quando ela me contou que não tinha ido ao Não Mexe para reger:

*Livia: eu entrei no Não Mexe pra tocar cavaco, aham. Uma amiga me falou ‘ah, não sei o que, vai ter um encontro de umas minas, não sei o que...’, e aí, na época eu morava com a minha irmã, e a gente tem um grupo de samba assim, de mulheres também. Daí ela toca surdo no grupo, eu toco cavaco, né? E a gente ‘ah, vamos colá*

<sup>16</sup>A Associação Cultural Vila Flores é um espaço cultural de Porto Alegre, no qual, desde 2016, As Batucas realizam o seu maior show todos os anos.



*lá, vê qual é que é'. Daí a gente colou, e aí eu fui o que... uns três ensaios tocando. Aí quando eu vi que a coisa não ia funcionar sem alguém... eu falei 'ah gurias, vamo lá'. [...] Daí eu nunca mais consegui tocar o meu instrumento. [...]*

*Lívia: porque no início do Não Mexe, não tinha que ninguém que regia, né. Eu entrei no Não Mexe bem no começo assim, tipo no segundo ensaio. E aí era a Titi que tava tomando frente e tal, mas ela não tinha muito essa... ela não sabia muito como fazer, e acabou que eu meio que sabia como fazer e tal, e a gente foi deixando tudo dessa maneira assim.*



Imagem 26: Lívia regendo o Não Mexe, no carnaval de 2019.

Por já ser musicista e ter outros conhecimentos acabou assumindo a posição dentro do grupo. Pergunto se ela teve referências antes de começar a reger, se estudou para isso – fazendo cursos, olhando vídeos, indo atrás de outros regentes –, e ela conta que tudo foi muito natural:

*Lívia: A coisa da regência... ah, acho que aconteceu tão naturalmente assim, sempre foi tão natural, que eu nunca nem parei pra pensar se eu tinha que estudar pra fazer... eu nunca estudei pra fazer isso, assim. Nunca parei pra pensar... porque, hum... sei lá, pensando em estrutura, eu sempre fui curiosa assim, né? Então tipo... tá eu tô tocando uma música, ah o mínimo é eu conseguir entender em que contexto eu tô ali, sabe? Então quando eu comecei a reger eu já sabia... [...] das estruturas das músicas.*

Mesmo não tendo entrado no grupo para reger, hoje a Lívia acha muito prazeroso exercer a função. Ela e Biba, de certa forma, se encontraram com a regência pela necessidade de seus grupos, e assumiram uma posição importante à frente deles, mesmo sem experiência. Conseguiram seguir em frente e se manter ali, com todos os desafios, assim como a Ale, que me apontou o respeito como maior desafio de estar à frente da bateria:

*Ale: O desafio eu acho que é o respeito mesmo. Em respeitar a pessoa, o ser humano, sem... não na questão de gênero, mas respeito. Tu é um profissional, tu tem competência, tu é qualificado, tu está ali. E eu sempre falo isso: "hoje eu tô aqui, regendo, comandando a bateria, amanhã pode ser tu".*

### 3.3 Atividades inseparáveis

Diário de campo - Segunda-feira, 19 de abril de 2021  
 A junção entre a educação e a regência se dá naturalmente ao longo das entrevistas. A Lívia trouxe essas funções unidas, por ser dessa forma que sua posição no Não Mexe se dá. Depois da leitura do livro e de alguns questionamentos, já levei mais o assunto da educação para as entrevistas e, assim como Lívia, Alessandra e Biba também falam, muitas vezes, da regência e da educação em um mesmo espaço. É interessante ver como a Alessandra destaca o nome "Escola de Samba". Escola. Nunca tinha pensado nisso.

Percebo, ao longo das entrevistas, o quanto as funções de educadoras e de regentes se mesclam dentro das três mulheres pesquisadas. Quando Lívia me contou como funcionava o Não Mexe, comecei a ver muitas semelhanças com As Batucas e, claro, com as funções que a Biba exerce também. Apesar do Não Mexe não ser uma escola, como são As Batucas, Lívia parece ter um papel importante de ensino ao longo dos ensaios.

As Batucas foram criadas em 2015 pela Biba, como uma tentativa de colocar suas alunas para a rua, tocando bateria e percussão. É, essencialmente, uma escola só para mulheres: conta com várias turmas, aulas semanais de percussão e de grupo vocal e professoras responsáveis por cada turma. Com o crescimento do grupo, apresentações começaram a ser cada vez mais constantes – desde pequenos ensaios abertos ao público na calçada da rua onde é a escola, até shows grandes em espaços importantes de Porto Alegre.



Imagem 27: As Batucas no seu carnaval no Vila Flores, em 2020.

Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só, coletivo/bloco feminino regido por Livia, foi criado em fevereiro de 2016. Misturando ritmo, canto e dança, o grupo foi criado com ideais importantes, como está na página do Facebook delas: “*Não apenas pelo prazer de tocar e pela amorosa convivência, mas sim pela força que representa a união de um grupo essencialmente feminino, forte, de resistência, de luta pela igualdade de gênero*”. Também cresceram muito nos últimos anos e se tornaram uma grande referência na cidade.



Imagem 28: Saída do carnaval do Não Mexe, em 2019.

Os dois grupos se formam por muitas mulheres, com histórias diferentes, vindas de lugares diferentes, idades diferentes. Para nenhum dos dois blocos as mulheres precisam ter experiências nos instrumentos para participar nem, muito menos, serem profissionais. O fato das participantes entrarem nos grupos, muitas vezes, sem saber nada sobre os instrumentos, faz com que as regentes – que também são as que mais dominam os instrumentos – tenham um papel de ensinar e auxiliar as mulheres nas suas práticas percussivas o tempo todo. Não se vê uma separação entre quem ensina e quem rege.

Claro que, n’As Batucas, por serem oficialmente uma escola, isso já é esperado: as mulheres se matriculam para aprender os instrumentos e terem aulas com as professoras – incluindo Biba. Como faço parte do grupo, já sabia o quanto as funções de reger e de ensinar estão unidas ali dentro. Me surpreendi quando a Livia começou a me apontar essa semelhança dentro do Não Mexe, por não esperar que ali também fosse um lugar/momento de ensino – sempre imaginei um formato somente de ensaio. Como ela conta:

*Livia: é uma trabalhadeira, assim... e a galera entra bem crua. Então é isso: o ensaio é também o momento de tu ensinar as pessoas a segurar a baqueta, ensinar às pessoas mais ou menos qual é a altura que elas deixam o instrumento, pra não sentir dor e coisa... ensinar as pessoas... tudo.*

Durante as conversas, percebo que os termos “aula” e “ensaio” são, também, muitas vezes mesclados. N’As Batucas, como o grupo também faz shows, acabam tendo “aulas” que são, na verdade, “ensaios” para a apresentação que está por vir. Durante todo o processo, Biba está ali regendo e ensinando ao mesmo tempo. Para Livia, entendi que o processo que ocorre é o contrário: o que se pensava ser um ensaio, acaba se tornando um momento de ensino, como ela conta: “*porque daí é isso, né? O ensaio vira uma aula, não vira um ensaio, se tu tem que ensinar alguém como que vira um instrumento, como é que, né... o processo fica muito mais lento*”.

Assim como assumiu o papel da regência, a parte educadora também parece ter surgido naturalmente para Livia dentro do coletivo. Acabou que, novamente, pela música ser sua profissão, suas posições no Não Mexe foram se estabelecendo de forma mais sólida:

*Livia: E daí tinham mais outras meninas que tinham experiência em outros coletivos assim, principalmente na Turucutá<sup>17</sup>, que elas auxiliavam, nesse sentindo assim. E o bloco não era aberto, né? E aí o que aconteceu foi que essas meninas foram saindo, foram não tendo tempo e tal, enfim, coisas da vida de quem vive de outras profissões, né? Enfim... E eu fui tomando muito pra mim esse lugar de ensinar.*

Para Biba, a função de ensinar já estava estabelecida desde o princípio. Criou o grupo, afinal, justamente por ser professora de meninas e mulheres e perceber que elas – ao contrário dos seus alunos homens – não costumavam tocar bateria fora da sala de aula. Iniciou como professora e acabou se tornando regente também. O fato de as participantes do grupo não serem profissionais, assim como no Não Mexe, faz com que seja impossível colocar a educação e a regência em lugares distintos, afinal, todas estão ali aprendendo. A preocupação com o entendimento das alunas em relação aos sinais e aos movimentos da regência, para Biba, deixa claro o quanto as funções são inseparáveis:

*Biba: A regência ela... tudo bem, ela tem seus improvisos no meio, mas ela tem que ter uma coisa certeza, né? Não... não tem, né? Eu não posso ficar ali “eee, aaa”, inventar sinais, ou coisas parecidas, ou inventar uma nova parte duma música, não sei. Até dá, mas enfim... a gente não pode ser assim com As Batucas, tu sabe, né, Julica. Se não elas se confundem demais. É diferente uma regência, por exemplo, podia ter uma... eu ser regente de, sei lá, ter seis aqui e... bah, ser a coisa no improviso. Eu me sentiria muito mais à vontade. Agora nas Batucas, né, como elas não têm muita experiência, assim, então tem que ser uma coisa mais certa mesmo, e eu tenho que tá prestando atenção o tempo inteiro.*

Assim como no Não Mexe e n’As Batucas, dentro das Escolas de Samba a educação também está muito presente. Nunca tinha parado para pensar onde os integrantes da bateria aprendiam seus instrumentos. Talvez por ter uma imagem de que as pessoas que tocam, em sua

---

<sup>17</sup> Batucada coletiva independente de Porto Alegre com formação semelhante a uma bateria de escola de samba.



maioria, cresceram nesse ambiente da Escola, não tinha refletido sobre essa parte dos estudos individuais e dos aprendizados. Conversando com a Ale pude entender essa visão de educação dali de dentro, como parte essencial do processo. Apesar dela não se considerar professora da bateria, é clara a intensão de ensino:

*Ale: A minha visão sempre foi diferente... se tu chegasse ali no Fidalgos [e Aristocratas] e dissesse 'ó, eu quero aprender a tocar', eu ia te dizer pra tu vir num horário diferente e ia te ensinar. [...] Eu sempre procurava fazer... ensinei vários amigos que hoje tão comigo também. Então, eu achava assim... não considerava, assim, professora. Mas eu dizia 'bah, mas o nome é Escola de Samba, por que que não ensi... não tem que ensinar!?', tipo eu pensava assim, né? Daí... o nome é Escola de Samba, cara. Escola. Né!?*

Esse desvelamento também está na dissertação de mestrado de Luciana Prass, na escola de Samba Bambas da Orgia de Porto Alegre, quando dialoga com Mestre Biskuim:

*Vinheta I*  
*Sábado. 25 de outubro de 97.*  
*Perguntei para o Biskuim:*  
*- Não tem problema de eu tocar aqui? Não vai atrapalhar o pessoal?*  
*(Eu me referia ao pessoal 'além-bateria' que estava arrumando a quadra para a festa da noite...).*  
*Ele então respondeu bem alto:*  
*- Isso aqui é uma é uma "ES -CO-LA-DE-SAM-BA. O nome já diz: ES-CO-LA-DE-SAM-BA." (PRASS, 1998, p. 24).*



Imagem 29: Ale (no meio, toda de branco) na Unidos do é o Tcham, de Caxias do Sul, em 2001.

Acho interessante pensar esse ambiente do sambódromo como um local de aprendizado. Muitas vezes escuto, pelas habilidades e técnicas mostradas nos desfiles, que os componentes

da bateria têm “dom ou talento”. Essas palavras, muitas vezes, esquecem dos estudos e dos esforços que cada um precisa para estar ali executando seu instrumento tão bem. Alexandra conta como, em algumas Escolas de Samba, nem sempre o mestre tem o horário disponível para ensinar ou essa visão como a dela.

A não separação das funções nos trabalhos das três entrevistadas não só serve para entendermos o processo dos grupos que participam, mas como elas próprias entendem seus trabalhos e seus coletivos: estão ali para ensinar, estão ali para reger, estão ali para auxiliar quem precisa e para compreender as necessidades individuais que possam surgir. Com todos os seus conhecimentos, se colocam a disposição por completo.

## Capítulo 4 – ACOLHER E LIBERTAR

*ACOLHER – oferecer ou obter refúgio, proteção ou conforto físico; proteger(-se), abrigar(-se), amparar(-se); ter ou receber (alguém) junto a si*

*LIBERTAR – dar ou ganhar a condição de pessoa livre, pôr(-se) em liberdade; tornar independente ou conquistar a própria independência; livrar(-se), desembaraçar(-se) de um obstáculo, de algo que perturba ou incomoda; tornar livre aquilo que se acha submetido a restrições, a limites; dar vazão a, expandir, soltar, fazer aparecer o que estava em estado latente*

### 4.1 Práticas acolhedoras

Diário de campo - Terça-feira, 20 de abril de 2021

O acolhimento dentro dos grupos percussivos só de mulheres (como As Batucas e o Não Mexe) está muito presente. Basta uma curta conversa com alguma integrante para se perceber isso. A Biba e a Lívia falando sobre os grupos e sobre elas regendo esses grupos também deixa isso claro. A entrevista com a Alexsandra, em cores, não foi muito marcada de laranja - cor do acolhimento nas minhas categorias de canetas - mas, quando foi, foi essencial. Talvez por não estar em grupos necessariamente acolhedores para ela, a entrevista foi mais pautada pela transgressão e pelas dificuldades do que por esse acolher dentro dos grupos. Mas foi justamente uma fala dela, a menos marcada de laranja, que me fez optar por esse marcador: quando ela conta que ensinou surdo para algumas gurias da Escola de Samba.

Não é à toa que, das três regentes dessa pesquisa, duas estão à frente de grupos compostos apenas por mulheres. A oportunidade mais acolhedora e mais propícia para que Biba e Lívia pudessem se desenvolver apareceu, justamente, por estarem cercadas por outras do mesmo gênero:

A maioria das mulheres que conseguiram manter carreiras profissionais o fizeram formando orquestras compostas principalmente por mulheres; ao dirigir as mulheres e não aos homens, eram menos propensas a ofender. Mas as orquestras femininas definitivamente estavam fora da corrente musical, o que resulta em uma maior marginalização da mulher diretora (MACLEOD, 2000, p. 228. apud MASMANO, 2018, p. 66) [tradução nossa].

É importante percebermos o quanto os grupos são acolhedores com as regentes e, ao mesmo tempo, elas – como liderança – exercem um papel importante no acolhimento com as percussionistas. Por exemplo: antes de criar As Batucas, Biba tinha um grupo de percussão no mesmo formato, também com Vini Silva, que aceitava homens e mulheres. O grupo, segundo ela, nunca passou de sete ou oito integrantes. Quando lançou As Batucas, somente para mulheres, em março de 2015, a procura aumentou drasticamente. Quando ela questionou as alunas do porquê, elas responderam:

*Biba: 'gurias... por que que lotou? Por que que eu tinha antes um bloco que era exatamente igual, exatamente igual, só que era misto, e agora eu tô fazendo As Batucas, que é feminino, e lota?' né... os mesmos professores, eu e o Vini... então... não tinha nada de diferente assim, né. Só o número de participantes. Ai todas falavam, todas sempre falavam 'ai eu... eu gosto disso aqui porque eu me sinto mais à vontade. Eu não me sinto cobrada. Eu posso fazer o que eu quiser. Eu... Não tem aquele olhar masculino', né, repressor, ãh... que... diminui as mulheres, que... enfim. É isso. Dai formou As Batucas.*

O ambiente menos julgador e mais acolhedor, principalmente para mulheres sem experiência com instrumentos, é essencial. Durante as aulas d'As Batucas, principalmente nas primeiras aulas de cada aluna, a insegurança e a vergonha são sentimentos muito comuns. Medo de errar, medo de não conseguir, falta de autoestima. É necessário que existam grupos como o Não Mexe e As Batucas, para que essas mulheres tenham a oportunidade de aprender, conviver com a percussão, com a música, com a arte. Como diz a Biba, é uma lição de vida:

*Biba: A gente tem uma coisa que eu acho muito bacana n'As Batucas... e que... eu acho assim, pra minha vida também, né, acho que tu sabe disso. É não... não ter aquela coisa assim de 'ai, tu tem que tocar pra caralho... tu tem que ter conhecimento pra caralho pra tocar... tu tem que saber de muita coisa pra tocar...'. O que eu acho bacana é que n'As Batucas a gente abre espaço, realmente, pra quem não sabe tocar. [...] Mas, que a gente leva isso como uma lição de vida. Acho que tanto pra nós, pra mim eu levo isso como uma lição, quanto pra elas e quanto pro público em geral.*



Imagem 30: parte das integrantes d'As Batucas, no carnaval de 2020.



Dentro do Não Mexe, pelo que ouvi da Livia, a própria forma com que o grupo funciona é pensado para ser horizontal e coletivo. As decisões não são tomadas por apenas uma pessoa e repassadas para o grupo. Existem os GT's (Grupos de Trabalho), que são pequenos grupos responsáveis por diversos assuntos que envolvem o bloco, desde arranjos musicais até a elaboração das saídas. Nem mesmo os sinais da regência são decididos pela Livia sozinha. Quando questionei como os sinais são decididos, não só descobri que são decididos em grupo, como também existem sinais para outros acontecimentos – e não só para o arranjo das músicas:

*Livia: no GT, às vezes no ensaio, sabe? Tipo, 'tá, vamos fazer assim, vamos fazer assim', pronto, foi. 'Ah, como é que a gente pode fazer pra indicar isso?' Alguém sugere uma coisa, e vai assim... no Não Mexe as coisas acontecem muito organicamente assim... esse tipo de coisa, sabe? Esse tipo de combinações assim.*

*Livia: até sinais de outras coisas, assim. Nas saídas a gente tem sinais pra, sei lá... se alguém tá querendo água, pra alguém alcançar... se alguém tá precisando de ajuda com alguma coisa, sabe? E tudo sempre criado muito coletivamente assim.*

A preocupação em tornar as decisões coletivas e ter sinais para caso alguém esteja precisando de ajuda, são provas de que existe uma preocupação não só com a execução musical, mas também com as pessoas que estão compondo o grupo. Acontece um passo além da técnica percussiva ou do espetáculo como um todo: as mulheres não estão ali apenas para tocar um instrumento, elas estão ali pelas vivências e experiências que o grupo proporciona. Tanto Livia, dentro do Não Mexe, quanto Biba, dentro d'As Batucas, demonstram ter essa consciência:

*Livia: E o Não Mexe tem todo uma característica de ser um coletivo feminista... de ser um coletivo de acolhimento... tem muitas mulheres que chegaram lá porque tavam deprimidas e, né, queriam conviver com outras mulheres, e ter uma atividade... tipo, enfim... 'n' motivos assim sabe*

*Biba: é o acolhimento, né. É o que a gente sempre fala n'As Batucas, assim: é um lugar de acolhimento. Que não é só percussivo, não é só pra tocar, é de tudo na verdade. Ali a gente fala de absolutamente todas as coisas. O que é muito legal, né? E... legal é ver como as mulheres sentem falta disso.*

A Ale, por estar em ambientes distintos dos de Biba e Livia, abordou o acolhimento de forma diferente. No meio que ela me descreveu, nos grupos sempre majoritariamente compostos por homens, acolhimento não foi a palavra usada para simbolizar a situação. Mesmo tendo marcado poucas falas dela de laranja – cor que escolhi para ACOLHER – foi justamente quando ela me contou que ensinou surdo para algumas mulheres na Escola de Samba, que decidi que esse assunto seria abordado. Talvez por já esperar o acolhimento dentro das falas da Livia e da Biba, fiquei tão atenta a esta fala da Ale:

*Ale: Eu comecei a fazer uns ensaios na garagem do pátio, que eu assumi a bateria lá, e... e... ensinando as gurias a tocar o surdo. Pra... Porque elas tinham aquela vontade*

*de tocar, comecei a ensinar. Aí começaram a tocar surdo algumas gurias, trabalhando comigo, ou ensaiando... tocando surdo de 1ª, 2ª, 3ª. Mas a maioria é homens.*

Mesmo com o ambiente adverso, é inegável que ela acolheu muitas pessoas ao longo da trajetória como mestra. O momento de ensinar as gurias para que elas pudessem tocar surdo; o momento que ela ressalta que a Escola de Samba tem “escola” no nome, e que ela sempre arranjava um tempo para ensinar quem precisava; o momento em que ela se posiciona em relação ao preconceito dentro da bateria, quando ela me disse: *“eu tenho amigos gays dentro da bateria que tocam muito bem, por isso que eu sempre... falei ‘tu não vai tratar aqui ninguém assim dessa forma’*. Se vê nela o espaço querido por tantas que fazem parte de Batucas e Não Mexes por aí.

Apesar de já esperar que o acolhimento aparecesse nas entrevistas da Biba e da Livia – por trabalharem em coletivos de mulheres –, achei interessante perceber as formas com que cada grupo e cada regente enxerga o ato de acolher: aceitando pessoas sem experiência com instrumentos, criando sinais coletivamente, dando espaço para que as mulheres se expressem, criando Grupos de Trabalho para decisões coletivas. Outras formas de acolhimento surgem da Ale, dentro de um espaço com homens, ela cria o seu próprio jeito de fazer com que as pessoas se sintam bem em estarem ali. Enxergo todas essas maneiras de agir – dentro dos coletivos e pelas regentes – como uma forma de agregar as diferentes pessoas e de compartilhar conhecimentos, empatia e afeto para seus grupos.

## 4.2 Práticas Libertárias

Diário de campo - Terça-feira, 20 de abril de 2021  
 É claro que as três também representam o libertar de outras pessoas, principalmente de outras mulheres. A Biba e a Livia, de novo, estando nesses grupos acolhedores, também carregam consigo uma libertação das outras. Ensinar percussão para mulheres é uma forma libertária de viver, né? Improvável, pelo menos há uns anos atrás. A Alexandra, ensinando surdo para as mulheres também liberta. Ela, sendo uma mestra de bateria envolta por muitos homens, também liberta. Para nós, mulheres, é um pouco libertário olhar para frente e ver uma de nós ali, num lugar improvável. Nos dá um sentimento de também poder, né? A Ale, não estando em grupos só de mulheres, traz uma liberdade diferente. Uma liberdade de estar ali. De estar sucumbindo tudo o que esperavam mesmo. E a gente pode olhar pra ela e ver que qualquer uma pode estar ali também.

O que encaro como práticas libertárias dentro das atuações das três regentes não separa a atuação delas como educadoras e como regentes. Como apontei no subcapítulo 3.3, essas duas funções são inseparáveis. Portanto, quando me refiro à educação e sala de aula, está intrínseco o papel de regente e os ensaios; da mesma forma, quando me refiro às regências, os ensinamentos e aprendizados estão presentes.

Alguns meses depois da entrevista com a Lívia, comecei a ler o livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, da bell hooks (2017), e outros pontos começaram a se ligar. Ao falar de uma educação como prática da liberdade, a autora, feminista e ativista negra norte-americana, me fez refletir sobre pontos importantes para este trabalho: Lívia, Alexsandra e Biba são professoras e ensinam, dentre outras coisas, percussão. A percussão, que é uma área da música dominada por homens, quando ensinada por mulheres, vira uma prática de liberdade – tanto para elas, quanto para quem aprende. Elas assumem aqui um espaço a muito custo, uma transgressão, e se apropriam desse conhecimento.

Como Biba e Lívia destacam, dentro dos seus grupos qualquer mulher pode fazer parte: com ou sem experiência nos instrumentos. Elas mostram uma compreensão em relação às participantes dos coletivos, muito forte, entendendo que as mulheres não são incentivadas a tocar percussão ao longo da vida e que estão ali por diversos motivos. Faz parte da educação libertária a valorização verdadeira da presença de cada um/a e o reconhecimento de que todos contribuem para a sala de aula (HOOKS, 2017, p. 18). A insistência de que, pelo menos ali, qualquer uma pode aprender, proporciona um ambiente no qual as mulheres podem transgredir os espaços pré-determinados para elas, dentro da nossa sociedade patriarcal:

*Lívia: por ser uma mulher regente, de um coletivo de mulheres, tu entender que...  
 ãh... a musicalidade percussiva não é uma coisa natural à figura da mulher, pensando socialmente assim, né? Então de tu entender que aquela mulher, ela não foi incentivada a fazer aquilo né. Então tu pensa em algo e, não sei, eu acho que rola uma preocupação. ‘Tá, tu não tá conseguindo? Vamo tentar de outro jeito...’ ou até uma coisa do tipo: ‘não, vai lá e estuda que eu sei que tu vai conseguir’, entendeu? Porque as vezes é um pouco isso também, sabe... do não subestimar. [...] E... às vezes é de... a empatia é um pouco, acho, não subestimar, sabe? Entender ‘não, tu não tá conseguindo agora porque tu não tá conseguindo agora, mas tu pode ir pra casa, tu pode estudar, e tu vai conseguir’, entendeu? [...] E talvez isso, ãh... seja um pouco por eu ser mulher e eu saber que a gente é subestimada, sabe?*

A postura de quem está na liderança é decisiva para que as pessoas que compõe um grupo se sintam à vontade e confiantes para se tornarem pessoas melhores e aprenderem cada vez mais. Alexsandra se disponibilizar para ensinar as mulheres da Escola a tocar surdo, por exemplo, demonstra um ambiente em que elas – as alunas percussionistas – podem evoluir e transgredir dentro de um espaço dominado por homens. Fica claro ao longo das entrevistas o

quanto as regentes entendem que o papel delas vai além de reger e educar sobre a percussão. Ali, cada uma da sua forma, transforma a vida das mulheres à sua volta com uma postura libertária. Como nos diz bell hooks (2017):

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também crêem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que crêem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. (HOOKS, 2017, p. 25)

Além da transformação das alunas e mulheres aos seus redores, as próprias regentes passaram por transformações importantes ao longo dos anos dentro desses diferentes espaços. A participação ativa nesse processo de transformação é, também, uma característica da educação como prática da liberdade. O ambiente não fica restrito à evolução das alunas, como nos diz bell hooks:

Quando a educação é a prática de liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo (HOOK, 2017, p. 35).

Quando a Biba conta como foi sua iniciação à frente da percussão d’As Batucas, fica evidente que, para ela, foi um processo de aprendizado também. Por nunca ter exercido a função de regente, teve que ter forças para aprender e tomar o posto, como ela diz: *“Aí eu comecei, tipo, ‘tá, vamo lá...’ eu vou fazer força, porque eu consigo, porque eu quero também... porque eu quero ser a regente das Batucas... ‘quero’ né..., mas vamo lá’. Daí comecei a tomar força pra isso”*. Apesar dos desafios, os esforços para se tornar mestra do grupo foram motivados por uma vontade de conseguir estar ali pelas alunas:

*Biba: pra mim ser regente nas Batucas, ãh... na verdade, foi uma tentativa de uma mulher unir todas. De ter a figura da mulher ali na frente em vez da figura de um homem, que é bem diferente.*

*Biba: Então... o fato de eu entrar [como regente] pras Batucas foi pra dar um... uma união, e pra dar um espelho também de tipo assim ‘vocês também podem, porque eu também tô podendo. Porque eu não sabia’, né? É tipo dar um exemplo, assim.*

Dentro do Não Mexe, algumas participantes demonstram interesse em também ocupar esse espaço da regência – o que pode nos levar de volta para a reflexão do capítulo 4.1, de que as mulheres, normalmente, regem grupos formados majoritariamente por mulheres. Por falta de espaço para ensiná-las ou para não correr o risco de correr o risco de regredir a técnica musical – por ter alguém com menos experiência conduzindo –, o desejo de certas participantes de aprender sobre a regência e tomar a frente da bateria poderia ser ignorado pelo grupo, mas não

foi: elas estão em um processo de tentar aproximar quem tem esse interesse e permitir que outras experimentem esse espaço, como explica a Livia:

*Livia: A gente tá tentando que isso mude também um pouco, dentro do Não Mexe. Assim, que a gente consiga revezar um pouco mais esse lugar de regência pras gurias poderem se experimentar, né... nesse espaço assim. [...] Mas a gente tá, um pouco num trabalho de tentar deixar isso mais... acessível, né. Pra quem tenha vontade né, não ser uma coisa tipo 'ah, vai lá, rege aí agora...' mas tipo, tem algumas meninas que se mostram com vontade, assim, de tá nesse lugar. E aí a gente tá tentando abrir um pouco mais isso assim.*



Imagem 31: Saída do Não Mexe em 2019, com Gabi Brack na regência da música.

O apoio da Livia para que esse aprendizado aconteça é essencial, afinal, é ela quem tem maior domínio sobre esses conhecimentos. Ela contou que essa regência das gurias é, por enquanto, uma regência mais “dependente”, com o auxílio dela: “*E aí no ensaio eu fico ali pra dar o apoio pra elas caso algo dê errado... daí eu fico correndo assim, indo na frente dos instrumentos, ajudando...*”. Achei interessante pensar no coletivo como uma forma, também, de liberar espaços para as integrantes. Não deixar o sistema de ensino rígido, os ensaios fechados para novas possibilidades ou as posições de cada uma das participantes limitadas dentro do grupo, são jeitos alternativos de conduzir um coletivo para a experimentação de cada uma e para maior evolução ali dentro.

O ensino de percussão por essas três regentes, acaba combatendo uma situação vigente que temos, na qual somos educados a pensar que as mulheres não tocam esse tipo de instrumento, nem podem ser vistas à frente das baterias. A educação, por si só, é a base para as mudanças sociais que queremos, e se torna resistência de um pensamento igualitário para os gêneros, nas figuras dessas mulheres:

Os professores progressistas que trabalham para transformar o currículo de tal modo que ele não reforce os sistemas de dominação nem reflita mais nenhuma parcialidade são, em geral, os indivíduos mais dispostos a correr os riscos acarretados pela pedagogia engajada e fazer de sua prática de ensino um ato de resistência (HOOKS, 2017, p. 36).

Para mim, que sou regente, baterista e percussionista, ver a Alexandra desfilando à frente da bateria é um respiro de liberdade, algo que posso colher ao longo da vida; enxergar uma banda de rock com a Biba na bateria, me faz pensar que também posso estar ali; ir em um carnaval do Não Mexe, tomado por mulheres tocando, cantando e dançando, e ver a Livia à frente da bateria, me dá esperança de que possamos ter, aos poucos, mais de nós nesses espaços que, por muito tempo, nos foram negados. Bell hooks resume bem como enxergo tanto as funções das três regentes pesquisadas, quanto o meu papel como musicista e educadora:

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que a nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade. (HOOKS, 2017, p. 50).

### 4.3 Acolher é libertar

Diário de campo - Terça-feira, 20 de abril de 2021  
Os momentos de liberdade pra mim apareceram quando elas falavam frases convictas, quando se intitulavam mestras, regentes, ou o que fosse. Quando elas chegavam em um ponto de alguma história que, tá, agora sim. Ufa. Sabe? Aquele alívio. Quando tu vê que a pessoa está ali, transgredindo, lutando pra estar onde está, e chega uma hora que ela aceita estar ali. Que outras pessoas aceitam o fato dela estar ali. Que ela vira dona daquilo tudo. Isso foi o libertar.

Enquanto escutava, percebi que a liberdade vinha através ou logo após o acolhimento. Percebi, também, que tanto o acolher quanto o libertar, vêm em duas vias ao mesmo tempo: o acolhimento e a libertação delas perante as pessoas à sua volta, e o acolhimento e a libertação que elas receberam de outras pessoas. Quando fui procurar no dicionário o significado de “acolher” e “libertar”, me deparei na definição com o “(-se)”. Para mim, foi a confirmação de

que essas duas ações se dão de dentro para fora, e de fora para dentro. Alguém que acolhe, pode ser acolhido; alguém que liberta, pode ser libertado.

As vezes em que elas foram acolhidas pela família, por amigas e por colegas de trabalho, parecem ser momentos decisivos para que elas seguissem nessa linha de trabalho e de atuação, um apoio que se fez necessário para que encontrassem forças para seguir em um trabalho difícil e que, inicialmente, não estaria sendo ocupado por elas. É difícil seguir caminhos improváveis em um mundo no qual os papéis já estão predestinados, seguir o caminho de estar à frente de uma bateria de percussão quando esse lugar normalmente está preenchido por um homem. O apoio de quem está a volta é fundamental.

A Biba descreve seu medo em contar para os pais que iria largar a faculdade e se tornar baterista, as inseguranças sobre a reação deles. No fim, apesar de todos os preconceitos que poderiam existir, ela encontrou ali um suporte para começar, como ela diz: *“Tanto é que quando eu quis tocar, eles me deram a maior força assim, né?”*. A Ale conta ao longo da entrevista de mestres das Escolas que a apoiaram para que crescesse dentro do ambiente do sambódromo. Descreve várias ajudas que teve ao longo da vida, desde professoras do IPA que pagavam passagem para ela poder ir para a faculdade, até o incentivo da Profa. Luciana Prass, quando ela teria que tocar bateria em um show: *“E eu fui tocar batera, nunca tinha tocado a batera e ela ‘tu vai conseguir’, sabe? Sempre me ajudando...”*.

O acolhimento recebido em momentos decisivos foi, também, o que possibilitou a Lívia assumir a bateria do bloco. Além da liberdade dentro do grupo para erros e aprendizados, as decisões coletivas também colaboraram para o início da regência:

*Lívia: mas se não fosse no Não Mexe eu não estaria nesse lugar, eu tenho certeza.*

*Lívia: Ah guria, o Não Mexe é um coletivo... e aí, enfim, por ser um coletivo de mulheres, tu pode... tudo. (risos) Porque tu te sente à vontade pra tudo, né, nesse sentido. Então... ah, as gurias sempre me incentivaram muito. Então, tipo assim, eu nem sabia que sinais que se usava. Ah... e aí a gente foi construindo isso muito juntas assim, no Não Mexe, né?*

Acho sempre importante destacar o quanto todas essas ações percorrem dois caminhos concomitantes: delas para o mundo, e o mundo para elas. Poderiam exercer seus trabalhos metodicamente, sem se preocupar com o outro/a outra que está ali em sua frente. Poderiam se disponibilizar menos para as alunas, ou serem menos empáticas com todas as circunstâncias que se deparam. Poderiam ser menos vulneráveis, tentar demonstrar mais poder ou mais força. Mas não. Estão ali entregues para todos os processos, crescendo junto e fazendo crescer. Como destaca o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire:

A ajuda autêntica, não é demais insistir, é aquela em cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar. Somente numa tal prática, em que os que ajudam e os que são ajudados se ajudam simultaneamente, é que o ato de ajudar não se distorce em dominação do que ajuda sobre quem é ajudado (FREIRE, 1978, p. 11. apud HOOKS, 2017, p. 76).

Frente a essa ajuda mútua, percebo nos espaços em que as três ocupam esse lugar de liderança, uma possibilidade das mulheres que estão na sua volta se apropriarem de outros espaços também – dentro e fora desses coletivos. A segurança e o conforto que as regentes transmitem, pode ser o que possibilita que algumas participantes do Não Mexe queiram se aventurar na regência; pode ser o que permite que as gurias peçam ajuda para a Ale com o surdo; pode ser o que incentiva mais mulheres a entrarem para As Batucas. A Biba, comentando sobre críticas que o grupo recebe eventualmente sobre técnica musical, como se “não tocassem nada”, comenta:

*Biba: Aí eu fico pensando “o que que é tocar?”, né? O que que é tocar? Então aquilo que a gente faz no Vila Flores, por exemplo, que é uma coisa absurdamente emocionante, né... 60 mulheres. Isso é não tocar? O que que é tocar, então? Então... eu acho que essa lição a gente passa, e é uma lição muito, muito, muito valiosa, assim, pra vida.*

A lição, aqui, é sobre o espaço que está sendo tomado por elas. Sobre a expressão que estão podendo ter naquele local, naquela hora e com aquelas pessoas. Lição de uma oportunidade muitas vezes negada para nós mulheres, e encontrada nesses coletivos e perto dessas regentes. Como diz a Biba:

*Biba: E dar oportunidade pra mulher, nesse caso, ter a chance de se manifestar seja lá pelo que for. Pode ser pelo tamborim, não sabe tocar tamborim, então te manifesta aqui, junto com elas. Dançando. Ou fingindo que tá tocando, sei lá, sabe. É isso. Acho que é uma lição de vida, assim.*

Questionei a Ale sobre ela se intitular ou não “mestra”, como ela se denominava. Encontrei na resposta dela o acolhimento e a libertação vinda de outra pessoa, para ela:

*Ale: antes falavam que eu era mestre. E não sei, alguém falou que era mestra. Eu acho até que foi a Lu, ou alguém... e... ‘ah, é mestra’. Então, ah... Eu nem me intitulava, sabe? Eu nem tinha essa pretensão, sabe? Eu dizia que eu comandava a bateria. [...] Aí a Valéria<sup>18</sup> que me chama de mestra. ‘Mestra Alessandra Amaral’. Ela tem orgulho, sabe? [...] Com 11 anos eu comecei a trabalhar lá no Venezianos também como percussionista. E lá ela dizia ‘mestra de bateria! Primeira!’. E todo o lugar que hoje a gente vai tocar ela sempre fala ‘é a primeira mestra de bateria’.*

---

<sup>18</sup> Valéria Barcellos é cantora, preta e trans, nascida em Santo Ângelo – RS. Hoje reside em Porto Alegre e Alessandra faz parte de sua banda.



A invisibilidade sobre as mulheres – nesse caso, as mulheres regentes –, é um fator determinante para quem vai conseguir ocupar cada espaço dentro da sociedade. As pessoas que vemos como referências durante a vida, são aquelas que nos incentivam a crescer, que nos mostram onde podemos chegar. Para as mulheres, a força necessária para seguir transgredindo é enorme: os obstáculos são muitos e elas (nós) precisam(os) se(nos) afirmar o tempo todo. Como disse a Ale, quando contou que estava regendo uma maioria masculina e precisava provar que sabia tocar ou não. Mesmo com as adversidades, elas criam forças e seguem. Masmano destaca:

Frente a essa invisibilidade que fere psicologicamente autoestima, não só das colegas diretoras, como também das mulheres em geral, há uma força superior dentro de cada uma delas, de nós, que nos faz crescer na adversidade, apesar de ter que demonstrar duas vezes nossas capacidades: uma primeira vez por ser profissional e uma segunda, por ser mulher (MASMANO, 2018, p. 72). [tradução nossa].

Os atos de libertação e acolhimento reverberam em todas as histórias: elas se libertam em um lugar e, então, conseguem acolher mais em outro; são acolhidas por uma pessoa e, assim, criam forças para libertar outra. É incrível ver como eles vão se somando e constituindo quem são as três mulheres que tanto falo aqui na pesquisa. Os destaques dentro das entrevistas para o verbo “LIBERTAR” foram os momentos em que senti as regentes se apropriando do que, de alguma forma, já era seu. Escutei Livia falando que agora adorava reger e Biba dizendo que hoje se considerava regente. Penso que nesses momentos que entendemos os processos se concretizando. Para Ale:

*Ale: Hoje eu falo que eu sou mestra sim, com muito orgulho. A Valéria sempre dizia assim: ‘pega o que é teu, isso é teu. É teu’. Aí eu bem assim, ‘Mestra Alexsandra’, então eu boto ‘mestra Alexsandra Amaral, percussionista, professora de música, negra’, né? Então tem todas essas... hoje eu me considero, hoje eu sou a Mestra Alexsandra Amaral. A mulher que represen... mulher negra que representa essa categoria, né?*



Imagem 32: Ale à frente da bateria da Acadêmicos de Gravataí, em 2009.

O acolher e o libertar nunca se separam. O acolhimento é, muitas vezes, o que permite o alívio da liberdade. O apoio que Lívia recebeu para ser regente é o que hoje permite a ela dizer que rege. O apoio que Alexandra recebeu da Valéria Barcelos, é o que hoje permite ela se chamar de mestra. O apoio que Biba recebeu dos pais é o que hoje permite ela ser uma baterista referência. E, do mesmo jeito, o apoio que elas deram e dão para muitas outras ao longo da caminhada é o que hoje permite que mais e mais mulheres se aventurem no mundo percussivo, no mundo da regência, no mundo que também é nosso.

## 5. Considerações finais

Me considero muito sortuda em poder compartilhar o tempo-espaço com essas três mulheres que pesquisei. Achei estranho usar, durante a escrita do trabalho, termos como “as mulheres pesquisadas”, porque me parece que o verbo “pesquisar” não representa tudo o que aconteceu dentro de mim durante esses últimos anos. Me pego agora me achando “a louca dos verbos”. Mas talvez, por acreditar no poder das palavras e na importância da forma com que usamos elas, me preocupo tanto em como ilustrar Ale, Biba e Lívia aqui.

Quando comecei e adentrar nesse mundo da regência nunca imaginei os rumos que tomaria, a princípio estava apenas assumindo um posto novo dentro d’As Batucas. Quando me dei conta, estava coberta por ele: no trabalho, na faculdade, na pesquisa, nos planos futuros. Foi apenas conversando com as três regentes e entendendo um pouco das suas histórias que comecei a ver a potência dentro desse lugar de liderança que elas ocupam e, claro, o que pode significar eu também estar nele.

Meu intuito, desde o início, era colocar para dentro da academia a história delas e a resistência que representam. Digo colocar na academia, e não no mundo, porque no mundo com certeza elas já estão. Marcadas em cada mulher que atravessou seus caminhos, carimbando seus nomes em um território masculino. Seria muita prepotência da minha parte achar que eu seria a responsável por reverberar o trabalho de cada uma. Me coloco aqui como uma ferramenta que pode auxiliar que elas reverberem cada vez mais, e para que a academia se abra para histórias e atuações tão relevantes como essas.

Comecei a pesquisa com muitas possibilidades de foco, com vários “achismos” do que viria pela frente, também pela minha experiência como mulher musicista. Acredito que, independente de ter seguido ou não os focos iniciais que queria, a prioridade sempre foi apresentar um universo que é pouco tratado. A invisibilidade das mulheres regentes, bateristas e percussionistas é uma realidade que me atravessa, e a importância para mim de ter me conectado com essas três mulheres é enorme.

Conhecer a história da Ale, suas origens, sua família e sua trajetória, é emocionante. Superação atrás de superação. Me marcou muito quando ela falou que foi bom ter alcançado o sonho – de ser regente – mas que manter também é muito difícil. E é isso, né? Não bastam todas as pedras no caminho para chegar, é preciso lidar com todas elas para permanecer ali.

Ale, tu é uma inspiração forte para mim. Assistir teu vídeo no sambódromo à frente da bateria do Fidalgos e Aristocratas, há 18 anos atrás, faz parecer inacreditável que, até hoje, tu

seja a única mestra de bateria de Escolas de Samba de Porto Alegre. Pelo menos, estamos muito bem representadas por ti.

Depois que conversei com a Lívia, fiquei me perguntando como poderia ser que nunca tínhamos conversado antes? As duas participantes de coletivos de percussão só de mulheres na mesma cidade. Refleti bastante sobre isso ao longo dos últimos meses, do porquê dessa falta de comunicação entre grupos tão potentes e que, com certeza, não acontece só por aqui.

Lívia, entender um pouco mais sobre a tua história, tuas batalhas diárias, teus muitos trabalhos, dá forças para continuar. Tu, que toca de tudo, que se vira sempre, é um incentivo para que a gente siga em frente e consiga abrir mais caminhos para outras que estão por vir. Espero que a batalha possa diminuir, mas que a força só aumente.

Convivo com a Biba há exatos 25 anos e seis meses. Somos mãe e filha, somos professora e aluna, somos parceiras de trabalho. Mesmo com todos os convívios, parece que sempre tenho algo mais para descobrir e admirar. Agradeço essa pesquisa por poder me aproximar mais ainda dela, por um outro ângulo.

Mãe, toda tua força e determinação me fazem ser quem eu sou desde criança. Tu foi minha primeira e única professora de bateria. Tu que me ensinou que a gente está sempre aprendendo. Faz pouco tempo que percebi com nitidez o quanto a tua decisão de tocar bateria, lá nos anos '80, mudou minha vida inteira. Tua abertura de caminho e tua postura como mãe, foram o que me possibilitou estar aqui hoje.

Espero que essa pesquisa contribua para que, quando alguém pesquisar sobre mulheres regentes, encontre material. A falta de registros e informações sobre essas mulheres, faz com que elas fiquem sempre à margem, faz com que seja mais difícil elas estarem no topo. No país do carnaval, no país da batucada, é inaceitável que não existam mais mulheres à frente de tantas baterias que temos – ou que, pelo menos, não saibamos sobre elas. Sigo em frente, procurando por elas e procurando por mim: nos encontramos na luta!

## Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BASILIO, Ana Luiza. **Quando a gente não dá o devido valor à escola, temos esse País**. Carta Capital, 15 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/quando-a-gente-nao-da-o-devido-valor-a-escola-temos-esse-pais/>>. Acesso em 03 de abril de 2021.

BECKER, Howard S. Métodos de pesquisa. In: BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 9 – 15.

DOURADO, Henrique Autran. Definições das palavras *grupo, instrumentos de percussão, maestro, regência e regente*. In: DOURADO, Henrique Autran. **Dicionário de termos e expressões da música**. São Paulo: Editora 34, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. Construindo o projeto de pesquisa. In: GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 74 – 77.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance de Grada Kilomba**. Disponível em: <<http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1982.

MASMANO, Rosa Iniesta. Directoras de orquesta: invisibilidad versus motivación. In: NICOLÁS, Ana María Botella (coord.). **Música, mujeres y educación: composición, investigación y docencia**. Valência: Universitat de València, 2018. p 63 – 77.

MASMANO, Rosa Iniesta. **Directoras de orquesta: práctica y desarrollo del Liderazgo**. Disponível em: <[https://www.sibetrans.com/trans/public/docs/trans\\_15\\_12\\_Iniesta.pdf](https://www.sibetrans.com/trans/public/docs/trans_15_12_Iniesta.pdf)>. Acesso em: 22 de abril de 2021.

PRASS, Luciana. **Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia**. Porto Alegre: PPGMUS/UFRGS, 1998. Dissertação de mestrado em música.

\_\_\_\_\_. **Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história.** Disponível em: <[http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia\\_feminista.pdf](http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf)>. Acesso em: 11 abril 2019.

ZERBINATII, Camila Durães; NOGUEIRA, Isabel Porto; PEDRO, Joana Maria. **A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais.** *Descentrada*, 2 (1), e034, 2018. Disponível em: <<https://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe034>>. Acesso em: 11 abril 2019.